Romeiro do Astral

Ditado pelo Espírito José Boiadeiro

Médium Roberto R. Rodrigues



Lilian Campos

Romeiro do Astral

Romeiro do Astral

Ditado pelo Espírito José Boiadeiro
Médium Roberto R. Rodrigues

Lilian Campos
Copyright/2019

1ª edição

Copyright © Lilian Campos. 2019

ISBN: 978-65-900535-5-8

Autoria
Lilian Campos

Capa
Lilian Campos

Diagramação e Revisão
Davilan Vilela Borges

C198r

Campos, Lilian
Romeiro do Astral: A história de um Boiadeiro / Lilian Campos – 1. Ed. – Foz do Iguaçu – PR: Edição da autora, 2019.
117 p.: 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-900535-5-8

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93
CDU: 133.7

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

CARTA AO LEITOR

Venho em nome de Jesus Cristo como emissário de amor.

Aos irmãos encarnados me apresento como José Agripino, que durante o tempo na terra foi um homem do campo e pecuarista. Atualmente sou um humilde trabalhador do plano espiritual, um romeiro do astral, que vai de porto em porto auxiliando e amparando aqueles que se perderam nas trevas.

Assim como tantos irmãos desencarnados, trago em meu coração a disposição para enfrentar qualquer trabalho que possa ajudar em minha elevação e na elevação do meu próximo, e para isso, conto com o amparo de Nossa senhora Aparecida, protetora dos Boiadeiros, Maria de Nazaré, e Jesus Cristo, a Luz que ilumina e dissipa as trevas.

É com imensa alegria e satisfação que trago as mensagens do plano astral, e junto a mais pura intenção de iluminar a consciência dos homens na terra, ajudando-os a remover as vendas que obscurecem seus olhos, para que possam enxergar a dádiva divina que é estar encarnado.

Nessas páginas conto a história de minha última vivência no plano terreno, como também o período de profunda amargura e infelicidade nas zonas umbralinas. Rogo a Jesus Cristo, que as palavras aqui discorridas possam ajudar na elevação de todos meus irmãos, para que assim consigam fazer boas escolhas em suas vidas, e evitem sofrimentos no futuro.

Não existe revolta, amargura, rancor ou vingança que valha o sofrimento experimentado nas zonas umbralinas, um lugar dominado por trevas, energias densas e pesadas que corroem nossas forças e nos levam para o mais profundo abismo de desespero.

Enquanto encarnados, por mais duras que sejam as provas, e tristes as decepções, ainda se encontram em ambiente propício para a vitória e o perdão, nas zonas umbralinas o cenário é outro, é um lugar onde se perde toda esperança, não existe luz, o sol, ou um novo dia, não se encontra um sorriso amigo, ou o aconchego dos braços de quem se ama, tudo que resta é a escuridão, a dor, a tristeza, e o mais profundo sofrimento e solidão.

As escolhas que fazem hoje podem mudar o dia de amanhã, portanto, selecionem com amor as sementes que lançam no solo da vida, não esperem o desencarne para buscar a luz da consciência, a prática do perdão, a demonstração de amor e carinho, pois na escuridão dos vales do umbral não existem desculpas, o que resta são apenas súplicas e humilhações para aqueles que não tiveram a humildade e sabedoria para aprender enquanto estavam na terra.

Que a força e proteção de Jesus Cristo se estenda sobre todos.

José Boiadeiro.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – Adeus Sertão.....10

CAPÍTULO II – De Peão a Patrão 19

CAPÍTULO III – Essa Casa não é Sua.....25

CAPÍTULO IV – Paisagens Escurecidas 33

CAPÍTULO V – Consciência Renovada.....47

CAPÍTULO VI – O Bom Trabalhador.....62

CAPÍTULO VII – Entre Amigos.....72

CAPÍTULO VIII – Reencontro 85

CAPÍTULO IX – Lida de Boiadeiro 97

CAPÍTULO X – Eternos Trabalhadores 108

CAPÍTULO I
Adeus Sertão

Nasci em região seca e árida, no interior da Paraíba, em uma família humilde e sem recursos, e, assim como muitos irmãos nordestinos tive uma infância difícil, cercada pela miséria, a seca tornava as terras improdutivas, castigava as lavouras que lutavam para desabrochar, e matava os poucos animais que conseguíamos adquirir com muita dificuldade, lutávamos diariamente por nossa sobrevivência, muitas vezes nossa única opção era comer os calangos que encontrávamos no cerrado.

Meus pais passavam dias, semanas, e meses aguardando a chuva que nunca chegava, apesar dos esforços, eram obrigados e ver seus filhos definhando e morrendo de fome, apenas os fortes sobreviviam.

Com seis anos de idade eu era o único dos filhos que ainda estava vivo, acreditava que o mundo era como eu conhecia, que a seca cobria toda a terra, como não conhecia nada diferente, achava tudo normal.

Cresci e me acostumei a dormir com fome, contudo, em certas ocasiões a falta de alimento castigava o corpo, sentia dores no estômago vazio.

Enfrentamos um período em que a situação se tornou insustentável, fazia vários dias que não conseguíamos nenhum tipo de alimento, as roças completamente secas, os animais há muito tempo haviam morrido, meu pai saía para conseguir trabalho ou algum alimento, e voltava com as mãos vazias e o coração cheio de preocupação. Desesperada com a situação minha mãe saiu à procura de algo para me alimentar, com sorte conseguiu um pequeno calango que daria para matar minha fome, aquela pobre mulher jamais poderia imaginar que a refeição conquistada com tanto sacrifício marcaria a minha vida.

Feliz por ter conseguido o alimento ela se apressou em preparar a pequena presa, enquanto ela se movimentava eu ficava em volta com

os olhos arregalados, percebendo minha ansiedade ela se apressou ainda mais, em pouco tempo me levou um prato com a comida ainda muito quente, eu estava faminto, desesperado para comer, e, antes que minha mãezinha pudesse me alertar sobre a temperatura, eu peguei o calango, coloquei inteiro na boca e engoli sem mastigar, a alta temperatura imediatamente causou várias queimaduras na boca, língua e garganta.

Tentando me socorrer ela correu buscar o pouco de água que ainda tínhamos, mas o estrago já estava feito, sem a possibilidade de tratamento médico a queimadura se transformou em uma ferida que me torturou por vários dias, minha mãe assistindo minha agonia me acolhia em seus braços, vendo-se incapaz de salvar o único filho que ainda lhe sobrava, ela rezava por um milagre.

Depois de muitas noites sem dormir, dias com febre alta e dor aguda na garganta, aos poucos a ferida foi cicatrizando até que se curou sozinha, no entanto, as sequelas comprometeram minha dicção, desde aquele dia passei a pronunciar as palavras com certa dificuldade, não me importava com o problema, apenas crescia enquanto olhava meus pais lutando dia a dia para sobreviver, e me dar condição de crescer, às vezes meu pai conseguia algum trabalho que possibilitava nosso sustento, as lavouras de milho produziam o suficiente para fazermos a farinha que usaríamos por alguns meses, assim a vida seguia.

Os anos se passavam e nada mudava, quando estava com quase quinze anos minha mãe faleceu, pouco tempo depois meu pai também partiu, os dois finalmente se libertaram da vida no sertão. Continuei sozinho por pouco tempo, pois logo conheci Francisca, uma menina que cresceu nas mesmas condições, e com ela me casei, tudo indicava que daríamos continuidade a sina dos nossos pais.

Quando estava perto de completar vinte e um anos já era pai de três filhos, Aninha, uma pequena menina com apenas um ano, e dois homenzinhos, Joãozinho com três e Francisco, o mais velho com quase cinco anos.

Olhava para meus filhos e sabia que teriam o mesmo destino que eu, que era praticamente impossível manter uma família naquelas condições, havia nascido e crescido naquelas terras, e apesar de todas as

dificuldades sentia amor pelo lugar, mas a sobrevivência se tornava cada vez mais difícil.

Motivado pelo amor a minha família e o forte desejo de dar aos meus filhos uma vida digna, me obriguei a deixar a bela Paraíba, assim como tantas outras famílias da região, nosso destino era para São Paulo.

Arrumamos os poucos pertences que tínhamos e partimos esperançosos, eu e Francisca sonhávamos com um futuro onde nossos filhos não sofressem com a fome, estivesse livres de todas as misérias que vivemos em nossa infância.

A viagem foi longa e penosa, feita em um caminhão velho que chamavam de pau de arara, aquele era o único transporte disponível na época, foram dias viajando por estradas de chão comendo poeira, com pouca água e alimento, a noite dormíamos na beira da estrada para no outro dia levantar com o sol que despontava no horizonte. Foram dias cansativos e tortuosos, mas finalmente chegamos à famosa São Paulo.

Deixamos a Paraíba, entusiasmados e esperançosos, sequer planejamos como iniciaríamos uma nova vida em uma cidade grande, levávamos muita disposição e boas intenções, todavia, nunca imaginamos que na capital o trabalho na lavoura era escasso, para conseguirmos emprego naquela grande cidade era necessário conhecimento e estudo que não tínhamos, dessa maneira não demorou para que víssemos nosso sonho cercado por obstáculos.

Quando descemos do pau de arara nos vimos perdidos no meio daquela grande cidade, começamos a pedir trabalho em todas as portas que víamos abertas, no entanto, sem estudo, sem experiência, e com três crianças pequenas era praticamente impossível.

A noite logo se aproximou, contei os poucos trocados que tínhamos e consegui um quarto em uma pequena pensão, naquela noite estaríamos abrigados, mas precisaria encontrar trabalho, ou nos próximos dias nosso destino seria dormir embaixo das pontes.

No dia seguinte me levantei muito cedo, deixei Francisca no quarto dormindo com as crianças e fui ter uma conversa com o dono da pensão:

— Bom dia, meu senhor, estou com minha mulher e meninos em um dos quartos, chegamos ontem da Paraíba, preciso de um trabalho, o dinheiro que tenho acabará em poucos dias, o senhor conhece algum lugar que precise de gente pra trabalhar?

— O senhor sabe fazer o quê?

— Sei lidar na lavoura, cuidar de animais.

O homem me olhou com piedade, para em seguida ser sincero:

— Olha, meu senhor, aqui na capital não conseguirá esse tipo de trabalho, pra trabalhar com lavoura e animais é melhor que siga para as cidades do interior, lá terá mais chances!

— Agradecido, vou pegar minha mulher e meus meninos, vou atrás de alguma fazenda que possa me dar trabalho.

— Desejo boa sorte!

Fui até o quarto e chamei Francisca, expliquei para ela a situação, precisaríamos iniciar uma nova viagem em busca de trabalho, mas dessa vez não tínhamos dinheiro para pagar o transporte para todos nós, teríamos que ir caminhando, ela abaixou a cabeça entristecida, mas acostumada a uma vida dura e sem facilidades reuniu nossos pertences, arrumou as crianças e pouco depois partimos sem rumo em busca de alguma cidade onde conseguíssemos trabalho nas lavouras.

Iniciamos uma jornada que não foi fácil, as crianças não conseguiam caminhar rápido, então seguíamos pela estrada em passos lentos, a noite encontrávamos um lugar seguro onde pudéssemos nos deitar para descansar, o dinheiro estava no fim e a comida também chegava ao final, para cada caminhão que passava fazíamos sinal pedindo carona, em uma dessas tentativas conseguimos uma boa alma que nos ajudou, parou o caminhão e me perguntou:

— Para onde vai amigo?

— Estou procurando qualquer cidade onde eu possa encontrar trabalho na lavoura?

— Então subam na carroceria, alguns quilômetros pra frente tem algumas fazendas, quem sabe tenha sorte.

Não perdemos tempo, subimos e aproveitamos para descansar, quase cinquenta quilômetros adiante o motorista parou em um posto.

— Amigo, posso ajudá-los até aqui, sigam pela estrada que encontrarão algumas propriedades pelo caminho. De onde estão vindo?

— Viemos da Paraíba, paramos na capital, mas lá não tem trabalho.

— Estão caminhando desde São Paulo? Quantos dias estão na estrada?

— Faz quase uma semana que estamos caminhando, as crianças não conseguem andar rápido, então percorremos poucos quilômetros.

A verdade era que eu já não tinha mais forças, estava magro, olhava para minha esposa e filhos desnutridos, com vermes, fome, os pés machucados pela caminhada e sentia a impotência de quem não tem nada a oferecer. O homem me olhava com piedade, comovendo-se com nossa situação, perguntou:

— Vocês tem comida?

— Quase nada, o pouco dinheiro que trouxe está no final.

— Esperem aqui, vou comprar algumas coisas e volto.

O homem saiu e retornou logo em seguida, com um sorriso amigável me entregou uma sacola e falou:

— Amigo, soube que em Botucatu tem emprego em algumas fazendas, fica a uns oitenta quilômetros daqui, não posso levá-los até lá, mas trouxe um pouco de comida que ajudará na viagem.

Olhei a sacola e vi que havia alguns pacotes de biscoitos, e sanduíches de mortadela. Com grande gratidão estendi a mão para aquele desconhecido que nos ajudou:

— Amigo, fico muito agradecido pela ajuda, que Deus lhe pague!

O homem sorriu e retribuiu o aperto de mão com um abraço, despediu-se de Francisca e das crianças e voltou para estrada, e nós seguimos viagem, dessa vez com rumo certo, iríamos para Botucatu.

Chegada a noite estávamos exaustos, escolhemos um lugar na beira da estrada, estendemos no chão alguns cobertores velhos, demos comida para as crianças que logo dormiram. Francisca sentou-se ao meu lado, pegou em minha mão e perguntou:

— Homem, será que fizemos certo em deixar nossa terra?

— Que pergunta é essa mulher? Claro que fizemos o certo, cedo ou tarde aquela seca ia matar todos nós! Agora se deite e descanse, vou ficar vigiando para que ninguém se aproxime com maldade.

— Você também tem que descansar!

— Mais tarde dou um cochilo, agora vai mulher, amanhã nos levantamos cedo!

Tentava esconder meu cansaço, apesar de mostrar confiança, por vezes também tinha dúvida se foi certo se aventurar daquela maneira, mesmo com todas as dificuldades eu não desistia, como diziam em minha terra, eu era cabra da peste, no dia seguinte assim que o sol apareceu eu estava em pé pronto para continuar a caminhada, persistia em busca de um lugar que me desse emprego.

Daquele ponto até a cidade de Botucatu passamos por várias propriedades onde pedi emprego, mas todas me dispensaram, não estavam dispostas a dar emprego e moradia para um funcionário com esposa e três crianças pequenas.

Depois de muitas tentativas e vários dias de caminhada cheguei a uma grande fazenda, já na cidade de Botucatu, era mais uma oportunidade, deixei Francisca com as crianças a alguns metros e me aproximei da porteira, logo um dos funcionários veio ver o que eu queria:

— O que querem?

— Posso falar com o coronel? Estou procurando trabalho.

Vou chamar o patrão, entre e espere um pouco.

— Agradecido, essa aqui é Francisca, minha mulher, e esses são Aninha, Joãozinho e Francisco.

O capataz que era do tipo zombador não perdeu a oportunidade de debochar do meu problema de dicção:

— Mas qual é seu problema amigo? Está com uma batata quente na boca?

Eu, que era impetuoso, sem medo e sem meias palavras respondi:

— Posso falar errado, mas pelo menos sei que não se deve zombar das pessoas! Tive um problema quando era menino, por isso falo

assim! Só vim pedir um prato de comida para mim, minha esposa e minhas crianças, se o senhor não pode me dar comida então me dê um trabalho, se não puder me dar comida e nem trabalho então peço que pelo amor de Deus, ao menos dê um prato de comida para meus pequenos!

O capataz abaixou a cabeça constrangido, naquele momento se compadeceu de nossa situação, dessa vez com respeito e solidariedade me perguntou:

— Qual é seu nome?

— Me chamo Agripino.

— Prazer senhor Agripino, me desculpe a brincadeira, eu me chamo Silvério, sou o capataz da fazenda, venham comigo.

Silvério nos levou para uma pequena casa da propriedade, pediu que aguardássemos um pouco, logo trouxe comida para todos nós, arroz, feijão, carne, minhas crianças que nunca tinham visto tanta comida, se esbaldaram, aquele momento foi de muita alegria, para nós era uma fartura sem igual. Enquanto comíamos, Silvério se aproximou e disse:

— Enquanto comem vou chamar o patrão para saber o que fazer, com mulher e crianças você precisa trabalhar, vamos ver o que ele decide, espere que logo volto.

— Agradecido senhor Silvério.

Pouco tempo depois o capataz voltou com o patrão, o homem entrou na pequena casa, e vendo que as crianças comiam com gosto e alegria, falou sorrindo:

— Quanta alegria vejo por aqui! Sou o coronel Sampaio, como se chamam?

— Eu sou Agripino, essa é minha esposa Francisca, minha pequena Aninha, esse do meio é Joãozinho e o maiorzinho Francisco.

— Vejo que precisa trabalhar, de onde vocês são?

— Sou da Paraíba senhor, viemos para São Paulo, na capital não tem trabalho na lavoura, me falaram que no interior era mais fácil.

— E como vieram de São Paulo até aqui?

— Um pouco de carona, um pouco andando, passei por vários lugares, pedi trabalho em muitas fazendas, mas não consegui nada, até chegar aqui.

— O que você fazia na Paraíba?

— Era agricultor, a seca matou todos os animais e as lavouras, não conseguia mais sustentar minhas crianças.

— O que posso oferecer é um pedaço de terra, poderá montar uma cabana para você e sua família, em troca o senhor e sua mulher trabalharão, as crianças podem ficar em casa, só não quero que se misturem com meu filho, os empregados devem ficar nos seus lugares.

Mal consegui acreditar na oferta, diante daquela situação aceitaria qualquer proposta, animado respondi:

— Eu aceito sim senhor, se quiser começo o trabalho agora mesmo!

— Podem descansar por hoje, amanhã logo cedo Silvério vai te mostrar como tudo funciona, aqui trabalhamos com criação de bois, cultivo de legumes e hortaliças, amanhã poderá ver de perto.

— Te agradeço Coronel, prometo trabalhar muito, o senhor não vai se arrepender.

O coronel voltou para sua casa e Silvério nos indicou um lugar onde poderíamos descansar:

— Agripino, no momento não temos outro lugar além dos estábulos, terão que se acomodar lá mesmo!

— Não tem problema nenhum, passamos semanas dormindo na beira das estradas, isso está bom demais!

Arrumamos um cantinho no estábulo, as crianças alimentadas e de barriga cheia logo adormeceram, Francisca se aproximou sorrindo:

— Homem de Deus, até que enfim arrumamos lugar pra trabalhar!

— Sim, agora poderemos dar uma vida digna pras crianças, chega de passar fome!

— Descanse homem, sei que quase nunca dormiu na estrada, precisa dar trégua pra esse corpo.

Assim que me deitei logo adormeci, naquela noite consegui descansar como não fazia há meses.

CAPÍTULO II
De Peão à Patrão

No dia seguinte, antes que o sol raiasse eu já estava de pé, pouco tempo depois Silvério me chamou, novamente nos levou para casinha onde nos alimentamos no dia anterior, na pequena mesa havia café, leite e pães, tomei um gole de café, deixei Francisca com as crianças e segui Silvério, ele me mostrou onde seria o pedaço de terra onde eu poderia construir nossa cabana, fazer uma horta que ajudaria em nosso sustento, em seguida me apresentou a propriedade e explicou o trabalho. Sem medo da lida comecei no mesmo dia a manutenção das hortas.

Trabalhava o dia inteiro de sol a sol, Francisca ajudava nas roças de hortaliças e as crianças passavam o dia brincando, durante seis meses usei os períodos de folga para construir nossa cabana, enquanto isso, nos abrigávamos nos estábulos, para nós aquilo era muito melhor do que a vida dura na Paraíba.

Eu me dedicava ao trabalho, ajudava no cultivo, e principalmente nos cuidados com a boiada, nessa área eu tinha mais habilidade. Sempre mostrava disposição e satisfação, era esforçado, estava feliz, pois minhas crianças não passavam fome, ganharam peso, começaram os estudos na escolinha da fazenda, estavam aprendendo a ler e escrever, coisa que eu e Francisca nunca tivemos.

O primeiro ano na fazenda passou rápido, as lembranças da viagem tortuosa, da miséria ficaram no passado, vivíamos contentes com a nova vida. Quando completei um ano de trabalho na fazenda, o Coronel mandou me chamar, assim que entrei na casa, dona Antônia, sua esposa me recebeu com cordialidade, pediu que fosse até o escritório de Sampaio. Assim que entrei o Coronel me recebeu com um aperto de mão, me serviu uma cachaça e pediu que me sentasse:

— Agripino, vejo que está indo bem no trabalho, parece ter muito jeito no trato com o gado.

— É verdade Coronel, o que gosto mesmo é de trabalhar com os bois!

— Já que gosta tanto dos bois, e tem jeito com a boiada, de agora em diante quero que trabalhe apenas com isso, vou te dar um cavalo para que possa comandar os outros boiadeiros da fazenda.

Mal conseguia esconder minha alegria, gostava de todos os trabalhos na fazenda, mas trabalhar com o gado era o que mais me dava prazer.

— Como queira coronel!

— Agripino, agora vamos conversar um pouco, gosto muito de você, me conte como estão as crianças!

— Estão bem, aprendendo a ler e escrever!

— Sabe Agripino, quando coloquei meus olhos em você senti de pronto uma grande simpatia, desde o começo tive muito apreço por sua pessoa, espero que fique muitos anos nessa fazenda!

— Eu sou muito agradecido pelo trabalho e pela terrinha que o senhor deu para eu colocar minha casinha, nossa vida melhorou por demais!

Passamos algumas horas conversando, parecíamos velhos amigos. No dia seguinte comecei os trabalhos no comando das boiadas, era um exímio montador, e fazia o trabalho com competência, ganhei um cavalo que batizei de Libanês, era um pangaré, mas eu gostava de brincar, falava que Libanês era um puro sangue.

Completamente envolvido pelos trabalhos na fazenda, os anos se passaram mais rápido do que pude perceber, eu e Francisca tivemos mais dois filhos, e vivíamos esquecidos das misérias do passado. Ao completar dez anos na fazenda eu sentia como se tivesse nascido e me criado naquele lugar, Coronel Sampaio se tornou um grande amigo, no final do dia sempre me chamava para tomar uma cachaça e passávamos horas conversando. Seu único filho havia desencarnado há alguns anos, já idoso e cansado, ele e dona Antônia viviam sozinhos na casa.

A vida seguia celeremente, minhas crianças cresceram, os meninos decidiram trabalhar na fazenda mesmo, Aninha fazia curso para ser professora, queria ensinar as crianças da fazenda. Sem que me desse conta, completei quarenta anos, nessa época eu já era o capataz da fazenda Silvério idoso e cansado desistiu do trato com a boiada, o

Coronel também idoso não demonstrava mais o mesmo interesse pelos negócios, então passei a tomar conta de todos os negócios da propriedade.

Continuava a vida, mas agora com muito mais responsabilidades, vivia para o trabalho, participava pouco da criação das crianças, e da vida de Francisca, mantinha o hábito de visitar o Coronel no final das tardes, eram momentos de alegria, onde nos sentávamos na varanda e passávamos horas falando sobre a vida, o homem se alegrava com minha visita, e nos últimos anos de sua vida nossos laços de amizade se estreitaram, parecíamos pai e filho.

Com idade muito avançada, e a saúde fragilizada, chegava o momento do Coronel partir, sabíamos que era uma questão de tempo, e assim aconteceu, ele desencarnou, após o velório e enterro dona Antônia viu-se completamente sozinha, no dia seguinte pediu que me chamassem, eu já imaginava que ela pediria ajuda para cuidar da fazenda, atendendo seu pedido fui até seu encontro:

— Senhora Antônia, mandou me chamar?

— Sim Agripino, entre e sente-se, precisamos conversar. Agripino, meu filho, faz mais de vinte anos que você chegou nessa fazenda, desde seu primeiro dia aqui, até hoje nunca nos decepcionamos com seu trabalho, sempre foi esforçado, honesto, atencioso comigo e Sampaio, com o tempo se tornou como um filho para nós, principalmente para meu marido que passou a amá-lo.

— Agradeço por terem me acolhido quando precisei, sempre fui grato senhora.

— Eu sei, mais que nunca preciso da sua ajuda, não entendo da administração da fazenda, sei que você nunca aprendeu ler e escrever, mas sabe como fazer todo o trabalho e calcular o que entra e saí, o contador que temos é de confiança e te ajudará no que precisar. Quero que faça uma reunião entre os empregados, vou apresentar a eles o novo patrão.

— A senhora contratou alguém para ficar no lugar do coronel? Algum parente?

— Não Agripino, você ainda não está entendendo, o novo patrão é você!

— Eu? Mas como assim senhora? Sou o capataz, não o dono!

— A vontade de Sampaio era que a propriedade fosse dada para você, como sabe não temos herdeiros, por tantos anos de dedicação você merece. Eu já estou velha e cansada, logo chegará minha hora, ficarei feliz em deixar toda a papelada em ordem para que você tenha todos os direitos legais sobre essas terras.

— Mas senhora Antônia, não sei se vou saber cuidar de tudo como o coronel fazia!

— Saberá sim, como já lhe disse, nosso contador te ajudará em tudo, de continuidade ao trabalho de Sampaio, ele devotou toda sua vida para levantar essa fazenda, honre o nome de nossa família tornando essa propriedade cada vez mais próspera.

Eu estava completamente confuso com a novidade, acreditava que ela pediria minha ajuda, mas nunca me passou pela cabeça que herdaria a fazenda, assustado respondi com respeito e gratidão:

— Se essa era a vontade do Coronel, então eu farei o melhor!

— Amanhã logo cedo informaremos todos os empregados da fazenda, pode ir se quiser, te agradeço por tudo meu filho.

— Eu que agradeço senhora Antônia!

Deixei dona Antônia, notei que ela ficou sentada na sala refletindo, voltei para minha casinha sem acreditar que todas aquelas terras seriam minhas, sempre tive muito carinho pelo Coronel, mas nunca tive segundas intenções, era gratidão por ele ter me dado trabalho, e a chance de uma vida melhor para minhas crianças.

No dia seguinte dona Antônia chamou o contador, pediu que organizasse todos os papéis para que a propriedade fosse passada para meu nome, em seguida reuniu os empregados e avisou a todos que a partir daquele dia a propriedade tinha um novo proprietário.

Alguns meses se passaram e dona Antônia se entregou a completa solidão, não demorou para que o estado depressivo prejudicasse sua saúde que já era frágil, e não demorou para que víssemos ela partir, me pareceu que ela estava apenas aguardando a

papelada da transferência da fazenda ficar pronta, pois assim que tudo foi concretizado, a escritura assinada, ela desencarnou.

Depois daquele dia passei a sentir ainda mais o peso da responsabilidade, era como se eu tivesse uma dívida de honra e gratidão para com Sampaio e Antônia, fazia o possível para estar à altura do coronel, um homem que sempre administrou a propriedade com sabedoria.

Alguns anos se passaram, na década de quarenta novas discussões e decisões sobre a reforma agrária preocupavam muitos proprietários de terras, a constituição previa possíveis desapropriações mediante indenizações em dinheiro aos donos das terras, o momento era tenso entre os latifundiários, pois as indenizações não cobririam os prejuízos previstos.

Diante das discussões várias propriedades começaram a ser invadidas, e os proprietários se viam com as mãos atadas, eram obrigados a aceitar as indenizações e ter suas terras divididas ou enfrentar os invasores que não se importavam em usar da violência para conseguir um pedaço de terras.

Como se não bastasse a responsabilidade de administrar a fazenda com a mesma diligência do Coronel, agora o medo da invasão ou desapropriação dominavam meus pensamentos. Eu pressentia que corria o risco de perder as terras que o Coronel deixou sobre meus cuidados, e não demorou muito para que meu temor se concretizasse, no decorrer de alguns anos assisti as terras serem partilhadas e distribuídas entre várias pessoas, inclusive funcionários da fazenda que aproveitaram a situação para conquistar um pedaço de terra para si.

Em poucos anos, a fazenda que antes foi próspera estava em plena decadência, por mais que eu lutasse para continuar, a situação era insustentável, havia perdido praticamente tudo que me foi deixado.

Com quase cinquenta anos eu me sentia cansado, desanimado e derrotado, o excesso de trabalho, preocupação e os exageros de uma alimentação desregrada me causaram sérios problemas de saúde.

Francisca percebia que minha saúde não estava boa, me advertia sobre minha gula, pedia que eu fosse até a cidade ver um médico, meus

filhos também me alertavam sobre a necessidade de cuidados, mas eu não lhes dava atenção, as grandes distâncias dificultavam o acesso a médicos, e eu nunca me preocupei com prevenção.

Os dias se passavam e meu desânimo era cada vez maior, não me conformava em ver as terras do Coronel dissipadas e distribuídas entre estranhos, lembrava com frustração dos tempos em que eu e Sampaio nos sentávamos na varanda para admirar a paisagem. Culpava-me por não ter feito melhor e ficava cada vez mais nervoso.

Certo dia acordei mais cansado que nunca, sentia-me doente, Francisca pediu que eu ficasse em casa, mas como sempre, ignorei seu apelo, e como fazia todos os dias, me levantei, tomei uma xícara de café preto, peguei algumas fatias de pão com um farto prato de toucinhos e me alimentei, em seguida saí para cuidar da boiada que ainda restava. Durante o trabalho, enquanto tocava os bois, senti que as vistas pareciam turvas, um suor frio começava a descer pela coluna, toquei o cavalo para perto de casa, queria beber um pouco de água, pois sentia a boca seca, quando desci da montaria senti uma aguda e forte dor no peito, parecia que o coração iria explodir, levei a mão no peito e chamei Francisca, antes que ela chegasse senti meu corpo cair no chão, a visão enegreceu e perdi a consciência.

CAPÍTULO III
Essa Casa não é Sua

Lembro-me de sentir as fortes dores no peito e a queda no chão, quando acordei estava deitado no chão, levantei-me com dificuldade e olhei ao redor, o lugar era estranho, parecia-se com a fazenda, mas abandonado, o céu escuro sem nuvens ou sol, a vegetação verde que coloria as campinas agora mostrava-se escurecida, sem cor, sem vida.

Dei alguns passos tentando me localizar, mas ainda estava atordoado, me sentia confuso, acreditava estar em um pesadelo, sequer passava pela minha cabeça que eu havia desencarnado.

Comecei a andar sem rumo por aquelas campinas secas, e por aproximadamente dois meses perambulei por toda fazenda, procurava por uma alma viva que pudesse me ajudar, ainda sentia as dores do infarto, o cansaço de antes agora parecia esmagador, tinha muita fome e sede, tudo aquilo me confundia, pois sentia o corpo, era como se estivesse vivo, caminhava e procurava por ajuda crente de que estava encarnado, no fundo da alma algo me perturbava, me dizia que eu estava morto, mas não conseguia aceitar.

Depois de algum tempo aceitei que havia morrido quando desci do cavalo e caí em frente a nossa casa, contudo, a nova percepção não mudou minha consciência, pois passei a procurar por meu corpo, acreditava que se o encontrasse poderia entrar novamente e sair andando, dessa maneira continuei andando sem rumo, crente de que cedo ou tarde acharia o local da sepultura e estaria tudo resolvido.

Peregrinei por mais alguns meses sem achar nada, o tempo naquele lugar era muito diferente, não havia noite ou dia, era sempre o mesmo céu escuro, dessa maneira não tinha a menor noção de quanto tempo estava andando sem rumo.

Chegou um momento em que eu estava completamente exaurido, já não suportava mais caminhar, foi então que me sentei no chão e tentei refletir, sentia muita dificuldade para raciocinar, depois de um longo tempo sentado me conscientizei de que não encontraria meu

corpo, e mesmo que o encontrasse, certamente não conseguiria retomar a vida de antes. Essa nova compreensão me levou ao profundo desespero, seguiram-se momentos de grande tormento e tristeza, foi um choque emocional perceber e aceitar a condição em que me encontrava, colocava as mãos no rosto e chorava, sentia-me desolado e completamente sozinho naquele lugar.

Confuso e desesperado tentava me concentrar para entender, se estava morto como ainda podia sentir tanta dor, fome, sede? Naquele momento senti uma imensa saudade de Francisca e das crianças, comecei a lembrar dos momentos em família, de nossa casa, da comida que minha esposa preparava e servia com carinho, com os olhos fechados eu buscava as lembranças mais alegres, era uma saudade que parecia tomar conta da minha alma, desejava com todas minhas forças estar mais uma vez com eles, quando abri os olhos novamente percebi que estava dentro da minha casa.

Assustado e ainda mais confuso, por breves momentos acreditei ter acordado de um pesadelo, mas logo percebi que eles não conseguiam me ver, olhava Francisca conversando com os meninos, tentava fazê-los me ouvir, mas era impossível. Um dos meus filhos, o mais novo, com apenas cinco anos olhou em minha direção, fixou os pequenos olhos e disse:

— Mamãe, o papai voltou!

Francisca olhou assustada, mas não deu muita importância, todos acreditaram que o menino estava brincando, era muito pequeno, certamente não sabia o que estava falando.

Comecei a observar o que estava acontecendo em nossa casa, e quanto mais via maior se tornava meu desespero. A situação em que viviam era de entristecer, Francisca não parava de chorar, as crianças não paravam de pedir para que eu voltasse, o ambiente que antes era organizado com zelo agora parecia caótico e insalubre.

No início tentei me aproximar para consolá-los, queria abraçar Francisca, os meninos, mas nunca consegui, sempre que tentava me sentia ainda mais triste e frustrado, minhas energias pesadas causavam neles sensações desagradáveis de arrepios, medo, angústia, queria ajudar,

mas com a reação deles eu acabava me afastando, pois sempre que chegava perto ouvia um deles comentar:

— Nossa senhora! Que sensação ruim me deu agora!

Apesar da tristeza e impossibilidade de ajudá-los, resolvi ficar na casa para protegê-los, mesmo sabendo que não podia fazer nada eu me mantinha preso a ideia de permanecer com minha família.

Francisca a cada dia mais inconformada, não fazia nada além de chorar, não cuidava mais da casa ou das crianças que sempre estavam sujas e praticamente abandonadas, ela me culpava por tê-los deixados desamparados e nunca ter cuidado da saúde que a muito tempo dava sinal de desgaste, não cansava de repetir pelos cantos da casa que fui um irresponsável, que sequer havia me preocupado em garantir o sustento deles caso faltasse.

O tempo passava e a situação piorava, certa vez Francisca chorava e reclamava tanto que eu me sentia atormentado por não conseguir fazer nada, desesperado tentei abraçá-la, mas imediatamente ela sentiu minha energia, sem imaginar que era eu quem estava ao seu lado ela se assustou com o que sentiu, parou o choro, fez sinal da Cruz e falou:

— Cruz Credo! Sai satanás! Sai coisa ruim!

Fiquei tão assustado com a reação de Francisca que passei a ficar pelos cantos da casa, sem poder fazer nada observava a decadência da minha família, e com isso ficava cada vez mais perturbado e esquecia de manter a distância, com isso sempre cometia o erro de tentar abraçá-los, para em seguida ser repelido e mais uma vez correr para o canto ainda mais assustado, eu não conseguia perceber que minha presença aumentava o sofrimento de todos nós.

No início minhas tentativas mal sucedidas me causavam extremo transtorno, cada vez que era repelido me acuava em um canto e chorava, suplicava, e por vezes gritava pedindo que me vissem, que me ouvissem, pois eu estava com eles, não tinha os abandonado, com o tempo comecei a me acostumar com a situação, aceitei que não podia me aproximar e nem ajudá-los, mas mantinha a ideia fixa de que precisava continuar presente para protegê-los.

Francisca sentia muita falta de um companheiro, um braço forte que a amparasse e ajudasse na criação das crianças, e não demorou muito para que um candidato aparecesse.

Certa vez percebi que Francisca andava saindo muito de casa, já não chorava tanto, parecia até feliz, em uma de suas saídas tentei acompanhá-la para ver onde ia, mas não consegui passar da porta para fora, algo que eu não podia ver me impedia de sair, tentei várias vezes sem sucesso, então fui obrigado a aguardar que voltasse.

Naquele dia Francisca voltou acompanhada por um homem, conversavam animadamente, quando vi o sujeito entrando em minha casa fiquei louco e completamente transtornado.

Francisca preparou o jantar enquanto o sujeito fazia o papel de pai para os meus filhos, eu assistia a tudo enquanto esbravejava os piores palavrões, jamais poderia aceitar outro homem com minha mulher, sentando a mesa no lugar que antes era meu, andando pela minha casa como se fosse o dono de tudo, tentei de todas as maneiras me aproximar e fazê-lo sentir que eu estava presente, mas não consegui, pouco depois do jantar Francisca colocou as crianças para dormir e os dois ficaram sozinhos na sala, a conversa animada me deixava cada vez mais irado, por volta das vinte e duas horas o sujeito decidiu ir embora e Francisca foi se deitar com um sorriso faceiro no rosto, tentei me deitar ao lado dela, mas novamente ela sentiu minha presença, e como sempre excomungou o suposto diabo que teimava lhe tirar a paz.

Passaram-se dois dias e novamente o homem voltou, quando percebi que ele se achegava em meu lugar a mesa fiquei louco, enlouquecido de ódio, e mais uma vez Francisca caprichou no jantar, colocou os meninos para dormir e os dois sentaram-se na sala, dessa vez ocuparam o mesmo sofá, entre risos faceiros o homem chegava cada vez mais perto, até que pegou na mão de Francisca, tentei puxá-lo, esmurrava suas costas, dava socos, mas nada lhe atingia, notava que o homem sentia um tipo de desconforto, mas não era o suficiente para afastá-lo de minha esposa, eu sabia que se não fizesse alguma coisa aquele homem ocuparia meu lugar, comecei a gritar despautérios em seus ouvidos, isso com o tempo fez com que se sentisse mal, disse para

Francisca que iria embora, pois foi atacado por uma repentina dor de cabeça e precisava descansar, naquela noite consegui afastá-lo.

Aos poucos as visitas ficaram cada vez mais frequentes, e cada vez que via o homem chegar eu enlouquecia de ódio, para piorar ainda mais a situação o assunto principal durante o jantar era sobre minhas manias, meus erros e falhas, Francisca reclamava das minhas atitudes, as crianças falavam que eu nunca fui um pai presente, era rude e quase nunca lhes dei carinho. E quanto mais eu ouvia mais enlouquecia e me enchia de ódio, por vezes meu desespero era tanto que eu gritava:

— Parem de falar mal de mim! Estou aqui! Eu não fui um homem tão ruim como falam!

Tentava sair correndo, pois não suportava ouvir tantas acusações, mas sempre que tentava era impedido, não conseguia sair da casa.

Naquela época eu já havia aprendido a manipular a energia de Francisca e das crianças para suprir minhas necessidades, eu não sabia, mas o que fazia era vampirizar minha própria família, e não foi difícil aprender que podia acumular e usar da mesma energia para movimentar alguns objetos, o que fazia era manipular o ectoplasma ou fluído animal deles, e com isso fazia uma bola de energia e atirava contra o que eu queria, e assim derrubava objetos, batia as portas, movimentava cortinas, tudo para assustar o pretendente.

Dominado pelo ódio eu havia me tornado um obsessor, passei a sentir ódio mortal pelo homem e até por Francisca e pelas crianças.

Fiz tudo que podia para afastar o homem, mas foi inútil, pouco tempo depois ele e Francisca casaram e ele ocupou definitivamente o lugar que antes era meu.

Francisca mudou completamente, nem parecia a mulher com quem me casei naquele sertão, ela se tornou relapsa com nossos filhos, passava os dias limpando e cozinhando para o novo marido. No início ele demonstrava interesse pelas crianças, mas depois que casou não tinha a menor paciência ou compaixão, sempre os tratava muito mal e com desprezo.

Tudo havia mudado muito, mas algo sempre permaneceu igual, o hábito de me culparem por tudo, falar das minhas falhas havia se tornado uma prática comum durante o jantar. Certa noite Francisca começou com as mesmas reclamações e comentários insuportáveis:

— Agripino não me ouvia! Cansei de falar para ele não comer tanta carne com gordura! Que aquilo ia para o coração! Mas pensa que ele me ouviu? Não ouviu! Morreu e deixou todos nós na miséria! Estão aqui Aninha e Joãozinho que podem confirmar! Eles também tentaram alertar o pai, mas pensa que adiantou?

Aninha e Joãozinho que já eram quase adultos confirmaram:

— É verdade! Tentamos falar para papai se cuidar! Mas ele nunca deu a menor importância para o que falávamos! E se teimássemos ele nos batia!

O marido jantava enquanto ouvia a tudo calado, na verdade pouco se importava com aquelas histórias, mas como Francisca não parava de reclamar ele falou:

— Você era boba Francisca! Por que é que não largou ele e foi ficar comigo? Eu sempre andava por aqui!

— Que é isso homem! Sempre fui mulher de respeito, nunca olhei pra outro homem, se bem que Agripino merecia que eu largasse dele, quem sabe assim parasse de ser tão teimoso!

Eu estava sentado no canto da sala, colocava as mãos no ouvido em uma tentativa desesperada de impedir que aquelas palavras entrassem em minha mente. A conversa não acabava, as crianças e Francisca não paravam de reclamar das coisas que eu fazia, o tempo todo me culpando, quanto mais ouvia mais atormentado eu ficava, em certo momento fui tomado pelo desespero e comecei a gritar:

— Parem! Parem de falar de mim! Calem a boca! Parem! Pelo amor de Deus paaaarem!

Completamente perturbado batia com as mãos na cabeça e gritava, por mais que eu me acabasse gritando, eles não ouviam, minha vontade era de matar aquele homem.

Dominado por um ódio impossível de descrever, levantei do canto, juntei todo ectoplasma que consegui e fiz uma bola de energia,

fechei os olhos e me concentrei em imagens onde eu matava aquele sujeito, e com todo desejo de vingança atirei-a contra uma jarra de barro que estava sobre a mesa, a jarra voou em cima do homem, ele levantou-se assustado, estalou os olhos e começou a olhar ao redor, todos se calaram e começaram a se olhar interrogativos, Francisca rompeu o silêncio:

— Cruzes! Vamos parar de falar do falecido que isso atrai coisa ruim!

Todos se calaram, e continuaram o jantar em completo silêncio, em passos lentos me aproximei da mesa, parei ao lado do homem e sussurrei em seu ouvido:

— Eu vou te matar seu maldito! Vou te capar como se faz com porco! Eu te juro!

Ele sentiu a energia negativa vinda do ódio que eu emanava, um frio lhe percorreu a coluna, sentiu um súbito mal-estar, fez o sinal da cruz e disse:

— É verdade, vamos deixar esse infeliz para lá, já foi tarde!

Levantou-se da cadeira, deu um sorriso atrevido e continuou:

— Vamos para nosso quarto Francisca?

Quando o ouvi pronunciar essas palavras fiquei alucinado de ódio, enquanto eles caminhavam para o quarto eu os seguia pronunciando os piores palavrões, quando entraram no quarto e começaram a se beijar meu desespero foi completo, naquele momento atingi o ápice de todo ódio que um homem pode sentir, gritei com toda minha força:

— Malditos, malditos! Eu sempre cuidei dos meus filhos e de minha esposa! Cometi erros, mas os amava, fazia tudo para vê-los bem! Seu maldito! Você só sabe maltratar meus filhos, abusar de minha mulher! Seu desgraçado, rouba meu lugar e ainda fala mal de mim! Vou te pegar seu safado! Desgraçado! Vou te matar! Vou te matar!

Completamente dominado pela ira, me precipitei para cima do homem, queria matá-lo, mas antes de atingi-lo senti que uma força me segurava, olhei para os lados e para trás, mas não consegui ver ninguém,

senti que uma corrente de energia prendeu minhas mãos, e sem entender como, imediatamente fui levado para outro local.

Eu acreditava que nada poderia me impedir de atacar o homem, ou me retirar da fazenda, no entanto, fui levado para um plano inferior. O homem que me levou não falou nada, foi tão rápido que não consegui ver quem era, me deixou e sumiu.

E de um momento para o outro me vi sozinho naquele lugar completamente estranho, e muito pior do que a fazenda, com os pulsos acorrentados eu olhava ao redor sem entender, eu me perguntava que lugar era aquele, onde estava minha casa. Sequer podia imaginar que fui levado por um Exu para uma zona do umbral.

CAPÍTULO IV
Paisagens Escurecidas

Com o tempo as correntes de energia perderam sua força, consegui me libertar e saí caminhando pelo lugar, percebi que também trazia semelhanças com a fazenda, no entanto, dessa vez sem as construções, o céu era mais escuro, não se via o sol ou a lua, a vegetação seca e escurecida agora era coberta por um pântano viscoso.

Caminhava tentando compreender que lugar era aquele, tão diferente de tudo que já havia imaginado, eu sabia que estava morto, mas sempre tive em mente que o céu era um lugar onde as pessoas caminhavam sobre nuvens, harpas nas mãos, lindos vales férteis, e o inferno um lugar de fogo e lava, com um capeta de rabo e chifre, completamente diferente de tudo aquilo.

Como católico foi sobre esse céu e inferno que aprendi nas poucas vezes que fui à missa de domingo, quando encarnado nunca tive o hábito de frequentar a igreja, as longas distâncias eram um impedimento, tinha que se fazer uma romaria, esse sempre foi um bom pretexto para não buscar nenhum tipo de religiosidade. Sempre fui um homem muito ranzinza, antiquado, era o tipo de pessoas que procurava por Jesus Cristo somente quando os problemas apareciam.

Continuava minha caminhada por aquele vale pantanoso e imundo, logo cheguei a uma região lotada de espíritos, por todos os lados se viam pessoas com aspecto cadavérico, caídas na lama, os corpos deteriorados. Olhava para aquelas pessoas e me perguntava que lugar era aquele, porque estava entre eles, e quem era o homem que me acorrentou e deixou sem dar uma palavra, eu nem suspeitava que aquele lugar era condizente com meu grau de vibração.

Notei que alguns espíritos permaneciam mergulhados no lodo em estado letárgico, outros se debatiam no chão. Observei com mais atenção e reparei que ao redor de suas cabeças giravam algo parecido com telas de imagens, onde era possível ver seus pensamentos que se repetiam sem parar, sempre as mesmas cenas, aquelas pessoas viviam

aprisionadas em ciclos de pensamentos que lhe causavam todos os tipos de dor, tristeza, culpa e sentimentos. Viviam em um tipo de transe, às vezes, por pouco tempo recobravam um pouco de lucidez, mas quando olhavam ao redor se assustavam e voltavam ao estado catatônico, dessa maneira permaneciam por longo tempo, pois não conseguiam elevar seu grau de vibração e consciência para sair daquele estado.

Eu ainda conseguia caminhar, mas a fome, sede, cansaço, e a falta de energia ficavam cada vez pior. Comecei a procurar por uma saída, queria voltar para junto de Francisca e meus filhos, logo perdi completamente a noção de tempo, nem podia imaginar quanto já havia caminhado entre aqueles espíritos cadavéricos, no meio daquele pântano que parecia sem fim.

Completamente esgotado e sem forças caí na lama, desesperado comecei a chorar, notei que um pouco a frente havia um lugar vazio, com muita dificuldade me arrastei entre a lama fétida até chegar a um canto onde consegui me encostar, sentia muita sede, olhei para aquele lodo viscoso e percebi que vertia água, juntei as mãos e tentei pegar um pouco de água, contudo, o que consegui foi um punhado de lama, apesar do cheiro e aspecto repugnante tentei sugar um pouco do líquido, pois a sede era muito grande, engolia mais barro do que água. Quando levei as mãos ao lodo para tentar mais uma vez, meus olhos pararam em minhas mãos e braços, naquele momento percebi que meu corpo estava como dos outros espíritos daquele lugar, completamente podre, aquela imagem me causou uma imensa tristeza, comecei a sentir uma intensa dor no coração, era como se estivesse revivendo o momento do enfarte, me contorcia de dor sem entender o que estava acontecendo. Entre lágrimas e súplicas comecei a murmurar:

— Já sei que estou morto! Mas quem morre vira fantasma atravessa paredes, não sente dor! Eu tenho fome, sede e essa dor no peito que não acaba, estou vivo! Que lugar é esse? Preciso voltar para minha casa, quero aquele homem longe da minha família!

Tentei me levantar, mas não consegui, estava muito fraco, continuei o pranto que vinha da alma enquanto murmurava as mesmas perguntas:

— Que lugar é esse? Que mal eu fiz para vir parar aqui? Sempre fui um bom esposo, pai, cuidei da fazenda sem esperar nada em troca, fiz o melhor que pude!

Meus pensamentos não paravam, pensava em tudo, mas não conseguia enxergar que meu maior erro era o desejo de vingança, queria fazer justiça por minha própria conta, e foi isso que me levou para aquele lugar.

Ainda desejava voltar para casa, não percebia quanto mal fazia a minha família permanecendo ao lado deles, como os prejudicava quando tentava expulsar o novo marido de Francisca. Bastava pensar naquele homem maltratando meus filhos para sentir o ódio tomar conta de mim, esse sentimento negativo me impulsionava, e eu voltava a me arrastar com o pensamento fixo:

— Pois vou sair daqui! E quando eu voltar para casa vou capar aquele cabra como se fosse um porco! Vou acabar com esse maldito que tirou a paz da minha família! Acabo com ele!

Rastejava pelo lugar completamente inconsciente dos meus erros, as energias pesadas me deixavam ainda mais atormentado, mas eu prosseguia, rastejava pela lama até cair com o rosto nas poças imundas, quando caía exausto meu desespero aumentava, então suplicava:

— Perdão meu Deus! Perdão!

Nesses momentos eu recuperava um pouco das energias, então voltava a me arrastar com a ideia fixa de achar a saída, voltar para casa e acabar com o sujeito.

Eu não percebia que recuperava as energias quando me acalmava um pouco e suplicava pela providência Divina, não compreendia que nesses momentos meu espírito se nutria de energias positivas, o pedido de perdão restabelecia minha força.

Eu caía, me desesperava, suplicava, me restabelecia, me levantava e continuava com os mesmos pensamentos. Algumas vezes tentei perguntar a alguns daqueles sofredores se conheciam a saída, mas logo percebi que era tempo perdido, pois estavam atormentados e não entendiam o que eu falava.

Depois de perambular sem saber por quanto tempo, avistei de longe alguns espíritos bem diferentes daqueles que viviam caídos na lama, eles caminhavam pelo lugar sem a menor dificuldade, era como se estivessem acostumados, notei que eles recrutavam alguns e os levavam embora. Nunca imaginei que aqueles eram escravizadores procurando escravos que fizessem seus trabalhos contra os encarnados na terra.

Aproximei-me de um dos homens para conseguir informações, provavelmente eles saberiam me indicar a saída, atormentar os encarnados na terra, resolvi ter uma conversa com um deles, pois esses com certeza saberiam me dizer como encontrar a saída. Caminhei na direção de um deles, quando me aproximei tive que esconder a surpresa, pois era de um aspecto assustador. Aquele ser mostrava-se muito alto, aparentava idade avançada, a pele parecia se desfazer e saltar dos ossos, olhos profundos mostravam somente escuridão, o rosto expressava profunda maldade, usava botas e roupas que indicavam uma época antiga, carregava em uma das mãos um garfo de feno, na outra um facão, e na cintura um punhal, me aproximei perguntando:

— Pode me dizer onde estou?

Ele me olhou de cima, e com irritação perguntou:

— E quem é você? Por acaso sabe com quem está falando?

— Eu me chamo José, quero sair daqui e voltar para casa!

— Primeiro de tudo, se está aqui é porque fez algo de errado, aposto que está procurando vingança, ninguém vem para esse lugar por acaso! O que você quer da vida? O que deseja realmente?

— Eu sei que já morri, quero saber como sair daqui, e se nesse lugar existe algum médico, pois sinto muita dor!

O homem deliciou-se com uma estrondosa gargalhada, em seguida respondeu:

— Os espíritos que vêm para esse lugar não tem direito a médico!

— Então sou espírito?

— Chame como quiser! Espírito, alma, aqui não faz diferença! Vocês não são nada!

— Então quero voltar para minha casa, tenho contas a acertar!

Dessa vez ele mostrou um grande sorriso malicioso:

— Então você tem contas para acertar! Bem que imaginei! Sou especialista nesse tipo de trabalho, quem é o cara que você quer encontrar?

— Um homem que tomou meu lugar, trata mal minha esposa e meus filhos, quero voltar e dar uma lição naquele cabra! Ele vai ver o que é ódio! Vou me vingar de tudo que ele fez!

— Se é vingança que você procura, então vou te ajudar!

Aquela criatura me causava uma sensação de medo, quando mostrou tanta satisfação em me ajudar com a vingança comecei a ficar desconfiado:

— Posso saber seu nome? E por que você carrega esse garfo para feno? Por acaso é produtor rural?

O ser trevoso dessa vez deu uma gargalhada ainda mais estrondosa que antes:

— Você pode me chamar de Baltazar, e não sou produtor rural, o garfo é para castigar algumas criaturas que precisam ser corrigidas! Faz muitos anos que vivo por essas bandas, meu trabalho é recrutar trabalhadores, eles me fazem alguns favores, e em troca eu os ajudo com suas vinganças.

— Não entendi sua função! Você é muito esquisito! Mas é só me dizer o que preciso fazer em troca da sua ajuda que eu faço!

Ele se aproximou alguns passos, abaixou-se um pouco e me olhou nos olhos, senti como se me penetrasse a alma, com um sorriso sarcástico perguntou:

— Então temos um acordo?

Impetuoso e sem imaginar o tipo de criatura que eu tinha na frente respondi com firmeza:

— Ainda não! Quero saber mais sobre seu trabalho e porque castiga as pessoas!

Ele franziu a testa, e respondeu impaciente:

— Sou um tipo de executor! Um justiceiro! Castigo os que merecem, ajudo na vingança daqueles que me pedem! É simples,

fechamos um acordo, você faz a sua parte e eu a minha! Aceita ou não? Quer ou não quer sua vingança?

Quando eu estava quase fechando o acordo, ouvi uma voz ao meu lado:

— Só um minuto! Senhor José, podemos conversar um pouco?

Olhei para o homem que surgiu do nada para interromper minha negociação, e antes que perguntasse seu nome, ele interrogou:

— Você sabe quem eu sou?

— Sei que é um homem muito elegante e está melhor que eu! Como pode ver estou podre, sujo, coberto por essa lama imunda! Pensa que eu esqueci, sei que foi você quem me trouxe para esse lugar!

Dei as costas para o homem e voltei à negociação com Baltazar, mas para minha surpresa ele havia desaparecido, olhei ao redor tentando encontrá-lo, e o homem continuou:

— José, ele já foi embora, fugiu!

— Pois tenho negócios a tratar! Ele vai me ajudar a voltar para casa!

— Você quer voltar para casa? Já se libertou das correntes que te coloquei, está livre, por que não volta?

— Preciso saber onde fica a saída, e Baltazar vai me ajudar a dar uma lição naquele desgraçado que arruinou minha família!

— Você acha que é assim que as coisas funcionam? Que dessa forma as coisas vão se ajeitar? Foi sua mulher e seus filhos que abriram as portas para ele entrar, não é culpa sua e nem deles, Francisca não imaginava que ele passaria a tratá-los daquela maneira. Depois que você desencarnou ela entrou em depressão, desejava um companheiro e acabou atraindo aquele homem, trouxe para perto alguém como ela! Mas isso você vai compreender mais tarde.

— Não me interessa! Quero pegar aquele cabra! — Ele vai pagar por tudo que vez aos meus filhos!

— José, não vou te levar pra junto de sua família, se te deixei aqui é para que possa pensar, existe uma saída, mas não vou te mostrar! O quer você quer é voltar para fazer vingança! Meu amigo, vamos

resolver o problema da sua família, mas você terá que decidir o que quer para você!

— Aquele homem com quem eu estava falando, o Baltazar, ele disse que vai me ajudar, vou procurar por ele, já que você não me ajuda ele vai ajudar!

— José, você não sabe com quem está se metendo, aquele espírito é um ser trevoso! Se fechar o acordo se tornará mais um escravo!

— Que lugar é esse?

— Esse é um lugar formado pelos pensamentos de quem vive na maldade, tudo que você pode ver é alimentado pela mente das pessoas que estão aqui. Alguns chamam de purgatório, de inferno, o nome mais comum é umbral, um lugar onde só se encontra dor, sofrimento e pessoas atormentadas. José, esse lugar não tem nada de bom, olhe a sua volta, é um vale cercado por montanhas, tudo está morto, uma paisagem triste coberta de lama misturada a dejetos e vômito, onde esses pobres coitados ficam mergulhados! Poucos descobrem uma fresta por onde conseguem sair!

— Então existe uma saída?

Estou falando isso para te instigar, do jeito que você esta não vai muito longe! José, se quiser podemos resolver isso agora! Basta abandonar essa ideia de vingança! Sua família sofre muito, as energias da casa são muito pesadas, sua esposa chora sem parar, me faz lembrar a Odisseia de Homero, você conhece?

— Não sei quem é esse Homero!

— Homero foi um homem que saiu em uma longa viagem, sua esposa ficou esperando e logo surgiram vários pretendentes que desejavam suas terras e sua esposa, é assim que está sua família! Todos querendo seu lugar e um já conseguiu. José, a história da sua esposa com esse homem já vem de outras existências, existem laços do passado, Francisca está colhendo agora o que plantou em outra vida!

Olhei para ele assustado, se já estava difícil entender o que ele falava, naquele momento ficou pior:

— Outra vida? Como em outra vida?

— Não adianta te explicar agora pois não vai entender, seus pensamentos são ruins, sua vibração muito baixa, e assim não consegue compreender. José, me diga, quantas vezes você abriu seu coração para orar de verdade para Jesus Cristo?

— Muitas! Mas ninguém me escuta aqui nesse lugar!

— Pobre homem de pouca fé! Te falo o mesmo que Jesus falava a seus apóstolos, pois o mesmo acontece com sua família, oram apenas com a boca, em seguida praguejam, só pensam em coisas ruins, sua esposa passa os dias chorando e te culpando por não ter se cuidado, vive a repetir: — Maldito seja tu que me deixou! Se tivesse uma vida correta, sem comer tanta gordura ainda estaria aqui. — Na cabeça da sua esposa toda aquela gordura que você comia ia para seu coração, de certo modo ela estava certa, e já previa o que aconteceria! Ela e teus filhos te alertavam, mas você os ignorou! Era um homem rude e grosseiro, nunca bateu em Francisca, mas suas palavras eram agressivas!

Aquele homem não parava de falar, começou a me mostrar que eu estava completamente enganado quando pensava ser um bom pai e marido. Fez-me relembrar as inúmeras vezes que fui grosseiro com Francisca, ignorei meus filhos. Já havia se passado mais de uma hora e o homem continuava me mostrando o quanto errei, já me sentia exausto, sem energias, então lhe disse:

— Mas afinal de contas, quem é você para saber tanto sobre minha vida?

— Sou seu Guardião, te acompanhei por toda sua vida, sei muito bem como você era!

— Chega! Estou cansado! Não aguento mais te ouvir falando dos meus erros!

Ele deu uma pequena pausa permitindo que eu pensasse um pouco, depois perguntou:

— Agora que já percebeu o quanto errou, você ainda quer voltar para se vingar?

Olhei seriamente para aquele homem, estufei o peito e sem mostrar a menor dúvida, respondi:

— Quero!

— Pois agora é tarde demais! O marido de Francisca já morreu! O tempo daqui não é como na crosta, durante nossa conversa se passaram dois anos na terra.

— O que? Como assim?

— Como você pode ver, ainda tem muito que aprender! Me diga José, você vai procurar aquele ser trevoso? Um bandeirante que só de ver um Exu sai correndo! É hora de abrir um pouco esse seu coração para Cristo!

— Bandeirante? Exu? Mas o que você está falando agora?

— Esqueça, um dia entenderá!

Eu estava tão confuso que mal conseguia entender o que ele me falava, não conseguia absorver suas palavras, me esforçando para raciocinar, perguntei:

— Afinal, quem é você? Pois só fala e fala, me fez perder dois anos, para depois dizer que o homem morreu! Ele morreu mesmo?

— Já te falei José, sou seu Guardião, seu amigo! E sim, ele morreu! Agora abra seu coração homem!

— Eu nem sei se o que você falou é verdade! Como posso ter certeza? Para ser sincero, acho que você está me fazendo acreditar em coisas que eu nunca fiz. Conseguiu me convencer e aceitar fatos que não são verdadeiros!

— José, sou seu amigo! Você não lembra agora, com o tempo lembrará, já te tirei de muitas encrencas, estou ao seu lado desde que nasceu! Nesse momento o único conselho que posso te dar é que tenha fé! Acredite que você tem um irmão da luz que quer te ajudar!

— Então ao menos me diga seu nome!

— Está bem, se quer tanto saber, meu nome é Carlos, temos laços muito antigos! Pense que sou como teu anjo protetor!

— Anjo não veste preto, não usa barba! Anjos tem asas e auréola!

O homem balançou a cabeça e suspirou:

— José, esses são trajes finos da época em que eu estive encarnado, me sinto bem usando essas roupas, sou de um grupo que

gosta de se apresentar assim, usamos essas capas, às vezes o capuz para nos proteger.

— Nunca vi uma roupa dessas! Parece mais um terno!

— São roupas de uma época antiga, de uma vida que você esteve comigo, é difícil te explicar agora, apenas acredite que vim para te ajudar!

Naquele momento percebi que ele me falava com amor, trazia no rosto um semblante de paz, muito diferente de Baltazar.

— Você é de um grupo de trabalhadores?

— Sou um Guardião, a igreja católica não relata em detalhes claros, mas na bíblia existem passagens que citam espíritos protetores.

— Então para ir embora desse lugar eu preciso abandonar a ideia de capar aquele miserável, pedir perdão e agradecer por estar aqui?

— Sim José, e precisa fazer isso com o coração aberto!

— Posso ficar sozinho? Estou cansado de falar e ouvir, quero pensar!

— Vou te deixar refletir, espero que veja que esse lugar não é bom, pode ir embora se quiser. Voltarei mais tarde!

O Guardião sumiu, mais uma vez me senti sozinho naquele lugar, sentei em um canto e comecei a pensar:

— Não consigo me libertar dessa raiva! Se Jesus vai me perdoar e mandar alguém me tirar daqui, então antes que me levem vou atrás daquele cabra!

Bastou o Guardião dar as costas que comecei a pensar no sujeito, em pouco tempo estava outra vez babando de raiva. Dominado pelo ódio e desejo de vingança, me levantei e iniciei uma corrida no meio do lamaçal. Tomado pela ira fui atrás do homem, nos meus pensamentos se repetiam a mesma coisa:

— Se ele está morto então deve estar perto! Pois agora te pego seu maldito! Não me importa quanto tempo terei que ouvir meu Guardião falar em meu ouvido, vou de qualquer jeito atrás de você!

Os momentos com meu Guardião me deram energia, e eu aproveitava para correr como um alucinado, parecia um animal perseguindo sua presa.

Logo cheguei a um lugar que se parecia com um cemitério, parei e pensei:

— Pois agora te pego, vou fazer como na época da fazenda, quando saía à captura de boi fujão!

Imóvel e quieto eu apenas seguia meu instinto, senti que o sujeito estava perto. Aquele cemitério era sua criação mental, meu desejo de encontrá-lo foi tão grande que fui atraído para aquele lugar, avistei uma lápide com a foto e o nome do sujeito, e não demorou muito, logo achei ele andando sem rumo. Para não o assustar me aproximei em passos lentos, quando estava bem perto, falei:

— Homem de Deus! É com você mesmo que eu quero falar!

Quando ele se virou e me viu saiu correndo. Comecei a persegui-lo, na correria consegui perceber que incontáveis lápides como a dele começaram a se formar a nossa volta, eram tantas que se perdiam a nossas vistas, continuei tentando alcançá-lo, corria e gritava:

— Venha aqui! Só quero falar com você!

Depois de correr muito, consegui encurralar ele em um canto, vendo-se sem saída o homem paralisou de medo, sem perder mais nenhum segundo, eu me joguei em cima dele com todo ódio que havia guardado, segurando em seu colarinho perguntei:

— Você sabe como se capa porco? Pois eu vou te mostrar! Já que não tenho uma faca aqui, vou te capar nem que seja com a mão! Você vai aprender a nunca mais tocar na minha mulher!

Quando terminei de falar percebi que havia uma faca em minha cintura, meu desejo foi tão grande que consegui criar minha própria arma, contente com o artefato, olhei para os olhos dele e falei:

— Está vendo essa faca? Não sei como ela veio parar aqui, mas vou usar ela para capar você seu cabra desgraçado!

O homem estava desesperado, gritava, pedia socorro, se debatia e eu completamente cego de ódio estava prestes a concretizar minha vingança.

Quando fui cortar o homem meu Guardião apareceu, e sem entender como ele fazia, olhei em meus punhos e estava novamente com uma corrente de energia. Levantei-me irritado, e quando retornei a olhar

para o sujeito ele havia desaparecido, me virei para perguntar ao Guardião onde o safado havia se escondido, mas antes que fizesse a pergunta e eu já estava em outro lugar.

Carlos, meu Guardião começou a falar:

— Homem de Deus! Aqui você pode criar o que quiser! Precisa entender, se está aqui é porque tem débitos! Você quer ainda mais dívidas? Olhe para você, veja como está, esse seu estado de podridão não te incomoda?

Completamente desanimado caí de joelhos no chão:

— Estou cansado! Quero ir embora! Quero dormir em uma cama limpa. Aquele desgraçado já está morto mesmo! Ele que fique no inferno que ele criou, não quero mais ficar nesse lugar!

— José, peça perdão a Deus! Tive que lhe falar todas aquelas coisas para que entendesse por que está aqui, te trouxe para esse lugar porque em outro poderia ser pior! José, você tem inimigos de outras vidas, eles estão te caçando e querem teu couro! Se te encontrarem vão te perseguir até te pegar! Agora pense muito bem no que quer para sua vida, pois Deus é justo!

— Justo? Se Deus é justo então me diga por que tive que passar por tudo isso, porque minha família teve que sofrer tanto e no final aquele homem ficar livre!

— A Justiça Divina existe e não falha, aquele homem colherá o que plantou, nesse momento você não entende, apenas aceite a situação e peça perdão, mas precisa ser com amor, do coração, pois só assim poderei tirá-lo daqui!

Ele deu uma pausa e logo continuou:

— José, poderá ser um homem melhor, ajudar as pessoas que estão nesse lugar, não posso te levar a força, e nem nesse estado de vibração em que você se encontra, preciso que se ajude! Muitos que levamos nesse estado acabam voltando, precisa se elevar um pouco! Vou deixá-lo, vejo que precisa refletir mais um pouco.

O Guardião desapareceu novamente, eu comecei a caminhar, já não suportava mais aquele lugar, exausto caí no chão, chorava de dor, de

saudades da minha esposa e filhos. Se antes tinha na vingança uma motivação, agora parecia não ter mais nada, em prantos eu pedia:

— Meu Deus! Me ajude meu pai! Quero minha casa, minha mulher, quero sair daqui! Me perdoe! Não sei como o senhor é, mas me tire daqui!

Continuei um longo tempo nessa situação, andando sem rumo, caindo na lama, chorando e suplicando. Eu tinha o coração cheio de tristeza, era uma dor profunda e desesperadora, não compreendia por que minhas orações não eram atendidas, muito tempo depois entendi que aquela tristeza impedia que minha vibração aumentasse, e minhas oração não eram ouvidas. Completamente desorientado, eu havia perdido a noção de quanto tempo caminhava naquele estado, cansado de suplicar por ajuda parei de chorar, foi então que passei a olhar com mais atenção para a enorme quantidade de pessoas caídas na lama, notei que pareciam doentes, senti piedade daquelas pobres almas, meus pensamentos começaram a mudar:

— Não tem jeito, ninguém vem me buscar! Tenho que ficar aqui para reparar meus erros, se não tenho outra saída então é melhor arrumar algo para fazer!

Olhei para meu lado e notei uma moça caída na lama, me aproximei para tentar ajudá-la, seus olhos estavam estáticos, olhavam o vazio, tentando entender o que ela olhava, perguntei:

— Filha, para o que você está olhando? Sai desse transe, você não pertence a isso!

Ela continuou estática, acariciei sua cabeça e a abracei, ela pareceu dar algum sinal, então a ajudei a ficar em pé. Olhei ao redor e avistei uma caverna próxima, em passos lentos e com muita dificuldade consegui acomodá-la em um canto da caverna, voltei para o vale e resgatei mais um, depois outro, e outros, tentava tirá-los do transe, mas parecia impossível, poucos conseguiam.

Sentado naquela caverna eu olhava aquele grupo que consegui tirar da lama, podia ver seus pensamentos, eram homens que se mataram por paixão, pessoas que se culpavam incessantemente, seres humanos como eu que estavam presas em pensamentos de tristeza, mágoa e culpa.

Na tentativa de ajudá-los eu os abraçava, envolvia em carinho e atenção, passava o tempo tentando tirá-los daquele transe ou no vale resgatando os que eu podia.

CAPÍTULO V
Consciência Renovada

Com o tempo voltei toda minha atenção para ajudar aquelas pessoas, tinha nelas uma companhia, alguns conseguiram sair do transe, mas não falavam muito, acreditavam estar sonhando, a maioria vivia presa em ideias repetitivas. Eu tentava explicar que não era sonho, que estávamos em um inferno feito de lama, que aquele lugar era diferente do inferno que os católicos ensinavam, mas era o inferno e estávamos todos juntos. Falava para eles que poderíamos ser resgatados quando nos arrependêssemos e pedíssemos perdão de coração, sem tristeza e revolta, mas parecia que não conseguiam me entender. Certa vez eu falava para o grupo, dizia que Deus mandaria alguém para nos buscar, um deles mostrando total desesperança me respondeu:

— Homem! Deus não existe!

Respondi com convicção:

— Deus existe sim!

— Se ele existe por que estamos aqui?

— Estamos aqui porque fomos maus! Precisamos ter consciência dos erros que cometemos e sentir no coração a necessidade de perdão! Foi Deus quem criou tudo, e criou esse lugar para que aqui pudéssemos nos arrepender!

Ele ouviu minhas palavras e se calou.

Uma das pessoas que resgatei foi Maria Luzia, no início ela estava em transe, mas conseguiu despertar, com ela eu conseguia conversar, fazíamos companhia um para o outro e aos poucos nos tornamos bons amigos, um dia falei para Luzia:

— Luzia, meu Guardião me falou que tenho que orar, pois só assim ele poderá me tirar daqui, mas já orei tanto! Não sei por que ele não me escuta! Sinto tanta tristeza!

— José, será que ele não te escuta por que você vive triste? Você fala tanto de Deus para todos nós, se Deus é bom como você fala então deveríamos ficar felizes! Já que não somos resgatados porque não

começamos uma vida nova e tentamos ser feliz aqui mesmo! Vamos orar juntos?

Olhei para Luzia, percebi que era uma mulher bonita, refleti por alguns segundos e acreditei que realmente poderia começar uma vida nova ao seu lado, comecei a sentir amor por aquela mulher, me aproximei um pouco, e a abracei:

— Sabe Luzia, se estivéssemos na terra eu iria atrás de você!

— José, você me acha bonita?

— Mas é claro que te acho bonita!

— Meu marido nunca me falou que eu era bonita, eu fazia tudo para agradá-lo, mas ele estava sempre irritado, me insultava e maltratava muito, sem falar das surras que nunca acabavam! Você sabe como eu morri?

— Não, você nunca me falou!

— Morri de tanto apanhar, numa das surras ele quebrou uma das minhas costelas que me furou por dentro.

— Luzia, como você sabe que quebrou a costela e furou por dentro?

— Porque eu sinto, é como uma agulha me furando, sinto a dor o tempo todo! Aperte aqui José, sente que tem um buraco?

Eu coloquei a mão na região das costelas e senti um buraco profundo, naquele momento amei mais ainda aquela mulher, a abracei mais uma vez, aconchegada em meus braços ela perguntou:

— Me diga José! Por que estou aqui? Por acaso fui uma mulher ruim? Sonho que ele me bate, e que começo a bater muito nele, pego uma faca e o mato! Esse sonho se repete, é o mesmo transe que nossos amigos vivem!

— Luzia, esse seu sonho é o seu desejo de vingança! Você já conhece minha história, sabe que foi o desejo de vingança que me trouxe para esse lugar, enquanto não abandonarmos esse desejo continuaremos aqui. Devemos fazer o que você falou, vamos começar uma nova vida juntos, buscar alegria e felicidade aqui mesmo. Agora vamos orar com alegria, pois temos um ao outro.

Eu e Luzia nos abraçamos, nos colocamos de joelhos, e ainda abraçados iniciamos nossa oração, juntos pedíamos perdão pelos erros cometidos, apelávamos para bondade divina, rogávamos por ajuda para conseguir perdoar nossos algozes.

Percebi que aos poucos nossos corpos começaram a dispersar uma leve luz, olhei para Luzia e disse:

— Olhe Luzia! Estamos nos iluminando! Nós podemos! Vamos continuar orando!

Segurei firme em suas mãos, olhava para Luzia e meu coração se enchia de amor e alegria. Ao terminar a oração percebemos que havíamos ganhado luz, nos levantamos e de mãos dadas saímos andando pelo vale procurando ajuda, por onde passávamos nossa luz clareava a escuridão.

Caminhamos por algum tempo, até que ouvi meu guardião:

— Como vai José? Hoje vim acompanhado!

Virei e vi meu guardião acompanhado por uma mulher muito bonita, vestida com trajes discretos e elegantes, ao olhar aquelas figuras senti meu coração se encher de alegria.

Mais consciente conseguia entender por que passei tanto tempo naquele lugar, sorrindo com gratidão, falei:

— Agora entendo por que me deixou aqui, e sei por que não voltou antes para me buscar, eu precisava de tempo para entender. E quem é essa moça?

— Essa é Rita, amiga e Guardiã de Luzia. Vamos deixá-las conversar, venha comigo.

Rita me cumprimentou, em seguida nos afastamos um pouco e deixamos as duas a sós.

De longe eu via que Luzia chorava muito, abraçada a Rita parecia uma menina que se consola no peito da mãe. Olhei para meu Guardião e comentei:

— As duas devem ter alguma história não é mesmo?

— Sim José, tem sim!

— Parecem mais mãe e filha do que amigas!

— E será que não é isso mesmo? Pense José, será que em outra vida não foram mãe e filha? Elas estão nos chamando, vamos ver o que querem.

Nos aproximamos, percebi que Luzia estava mais calma. Ela se aproximou, pegou em minha mão, me olhou nos olhos e falou com carinho:

— José, teremos que nos separar por um tempo, mas em breve vamos nos reencontrar. Agora preciso ir com Rita.

— Já sei! Você vai para uma cidade e eu para outra!

— Sim José, mas vamos poder nos encontrar!

— Posso escrever cartas! Mas... temos que ver como fazer para que cheguem até você!

— José, minha protetora me explicou que preciso me recuperar, e você também precisa de cuidados!

— Luzia, não quero ficar longe, sentirei saudades, gosto muito de você!

— José! Você me salvou, é uma boa pessoa, eu também gosto muito de você, e logo voltaremos a nos ver! Agora me dê um abraço!

Abracei Luzia e nos despedimos, o tempo que passamos juntos naquela região cercada por tristeza e sofrimento, fez com que me apegasse a ela, era difícil vê-la partir.

Sua Guardiã a abraçou, e juntas subiram como duas estrelas riscando o céu. Fiquei admirado com a cena, nunca tinha visto nada parecido, com os olhos fixos no céu comentei:

— Veja que bonito! Parece uma estrela!

— Sim José, realmente é muito bonito! Vamos fazer igual? Vou te levar para um hospital.

— E tem hospital aqui?

— Tem sim! E te digo que são melhores que os da terra!

E assim como Rita e Luzia nós também fomos embora daquele vale.

Rapidamente chegamos a um posto de socorro ainda na zona umbralina, fui imediatamente atendido, apesar de ter conquistado certo nível de consciência e luz, eu ainda estava preso a memórias do passado.

Minha mente inquieta revivia os momentos da vida na terra e o período no umbral, meus pensamentos não paravam de formular perguntas, eu tinha pesadelos, assim como tantos outros espíritos socorridos naquele lugar eu era mais um em estado de perturbação, no início passava a maior parte do tempo sedado.

O local era parecido com os hospitais da terra, separado por alas femininas onde as enfermeiras eram mulheres, e alas masculinas onde o atendimento era feito na maioria das vezes por homens, medidas necessárias para evitar problemas com recém-recolhidos que traziam perturbações ligadas a sexualidade.

A maioria dos resgatados que eram levados para esse posto de atendimento haviam praticado atos graves, eram espíritos atormentados que sofriam constantes ataques de histeria, assim precisavam de auxílio e vigilância permanente.

Apesar do estado de perturbação e revolta eram recolhidos, enviados para câmaras de recuperação onde ficavam isolados. Alguns eram recolhidos mesmo sem ter alcançado o merecimento necessário, tudo para evitar que fossem capturados ou recrutados por espíritos trevosos. Muitos eram resgatados à força, colocados em câmaras isoladas, mantidos sedados enquanto recebiam tratamento com passes magnéticos potentes. Nesses casos mais graves os trabalhadores se reuniam e juntos aplicavam os passes que envolviam completamente o corpo espiritual em correntes magnéticas que aos poucos dissolviam a energia pesada, promovendo uma limpeza astral.

A fonte geradora de toda aquela energia negativa era a centelha, uma fonte poderosa que atuava como uma usina que por meio dos pensamentos negativos gerava energias compatíveis. Esses seres, envolvidos em suas próprias energias negativas reviviam constantemente as mesmas experiências que passaram enquanto encarnado e depois nas zonas umbralinas, eram espíritos que não conseguiam controlar tais pensamentos, ainda não tinham a consciência necessária para dominar suas criações mentais.

Depois de um longo período recebendo o tratamento oferecido pelos trabalhadores da casa, eu consegui sair do transe em que me encontrava.

Quando acordei notei que estava em uma cama muito confortável, apesar da semelhança com as camas da terra, algo muito diferente me chamou a atenção, notei que flutuavam, em cima de cada cama descia um feixe de luz que se deslocava sobre os pontos energéticos do indivíduo, mudando de cor e acompanhando a cor do chacra.

Sentei-me, tinha a sensação de que acordava de uma anestesia, ainda estava meio desnorteado, sem entender que lugar era aquele e o que estava acontecendo.

Dois enfermeiros que acompanhavam minha recuperação se aproximaram e me perguntaram:

— Senhor José, sente-se melhor?

Eu olhei um pouco desconfiado e perguntei:

— Como é que você sabe meu nome? Onde estou?

Um dos enfermeiros respondeu:

— Você está em uma colônia de resgate, chegou faz algum tempo e desde então estamos ajudando em sua recuperação. Você foi socorrido e trazido por seu guardião, lembra?

— Isso eu me lembro! Jamais poderei esquecer o dia em que ele me tirou daquele lugar. Havia uma mulher comigo, se chama Maria Luzia, onde ela está? Podem me dizer?

— Ela está em outra colônia, um lugar para as mulheres, ainda sente no corpo espiritual as dores do corpo físico, se encontra em um tipo de sedação para que possa se recuperar mais rápido. Logo poderá vê-la.

O outro enfermeiro me perguntou:

— Senhor José, sabe que está morto não é mesmo? Ou melhor dizendo, desencarnado, fora do seu corpo de carne. Lembra-se disso?

— Sim, isso eu também lembro!

— Essas sensações incômodas são impressões do seu corpo espiritual que ainda está se habituando a falta do corpo de carne, é

normal que por um tempo ainda tenha algumas dores, fome, sede, vontade de ir ao banheiro, sinta necessidade de tomar banho, sente tudo isso não é mesmo?

— Sim, sinto tudo isso! Mas sei que já estou morto e que aprontei demais!

— Nós sabemos, não estamos aqui para falar do seu passado, essas perguntas fazem parte do protocolo. Enquanto o senhor não se perceber como espírito e aceitar que desencarnou, não podemos levá-lo para zonas mais elevadas. Senhor José, esse lugar em que se encontra ainda é no umbral, um lugar de transição entre um plano e outro, o senhor tem que seguir para uma zona mais elevada. Então é necessário que eleve seus pensamentos e se reconheça como espírito, sabemos que é difícil para os recém-chegados, mas precisa seguir seu caminho para outros planos.

— Há quantos dias estou internado aqui?

— O tempo daqui é diferente, aqui não contamos os dias, se formos dizer de acordo com o tempo da terra podemos dizer que se passaram pelo menos seis meses desde sua chegada.

— Meus Deus! Onde é que vim parar! Se pelo menos eu estivesse em um lugar que pudesse contar o tempo então poderia saber quanto tempo já perdi! Quem sabe assim eu tomaria vergonha na cara e criaria juízo! Sairia de uma vez dessa cama e iria arrumar o que fazer!

Os enfermeiros não conseguiram conter o riso, se olharam e começaram a dar risada da maneira como eu avaliava a situação.

— Senhor José, acredita que está preparado para seguir para outros planos? Se estiver então vamos providenciar sua partida, lá poderá iniciar seus estudos, trabalhar, aprenderá muitas coisas diferentes.

— Olha, eu já sei que estou morto, que sou espírito, ainda tem muita coisa que não entendo, mas estou bem! E aqui tem trabalho? Vocês trabalham?

— Sim! Claro! Não é muito diferente da terra, todos trabalham.

— E tem gado? Fazenda?

— Não, não tem gado, mas vamos dizer que, alguns trabalhos são parecidos com aquele que o senhor fazia quando juntava suas

cabeças de gado. Deixe-me pensar em como explicar... Alguns espíritos precisam ser agrupados e guiados até os locais onde possam ser socorridos, essa é uma forma bonita de lhe explicar, na verdade esses irmãos se encontram inconscientes, necessitam de pessoas que os ajudem a sair do sofrimento em que se encontram.

— Mas que trabalho esquisito é esse? Nunca vi tocar gente! Nossa! Onde é que fui me meter!

Mais uma vez o enfermeiro não aguentou segurar o riso, mostrando contentamento me perguntou:

— Está pronto para ir embora? Se já se sente recuperado então precisamos passar seu leito para outros. Sabe Senhor José, esse posto de atendimento ainda é pequeno, está em fase de ampliação, mas tudo isso é executado somente com a permissão que vem das esferas mais altas, por enquanto o espaço é pequeno para grande quantidade de espíritos que necessitam de ajuda.

Quando ele disse que havia outros irmãos necessitando de amparo, e meu leito seria ocupado em seguida não quis mais ouvir, dei um salto da cama e perguntei:

— Pois então vamos embora! E essa roupa aqui? Não posso ficar com essa camisola, onde vocês guardaram minha roupa?

Os dois enfermeiros se olharam e um deles passou a mão no rosto como quem busca as melhores palavras, em seguida me falou:

— Senhor José, vou tentar explicar, como aqui é um hospital as roupas são como as que usam nos hospitais da terra, a diferença é que trazem o símbolo da nossa legião de amor. Se o senhor quiser roupas como as que usava antes, com o tempo podemos providenciar, mas por enquanto terá que usar as que oferecemos, vou lhe trazer para que veja.

O enfermeiro, muito prestativo se apressou em pegar a roupa, logo voltou com um tipo de macacão e me entregou.

Eu peguei a peça, olhei, virei, olhei mais um pouco e disse:

— Eu não vou usar isso não! Que roupa mais esquisita! Escute, será que não pode trazer a roupa que eu estava quando cheguei?

— Senhor José, aquelas roupas foram desintegradas, estavam carregadas com energias muito densas, sei que não está entendendo, mas

viraram pó! Se o senhor quer uma roupa diferente eu posso tentar conseguir. Me diga o que quer!

Baixei a cabeça, pensei por alguns segundos e rapidamente decidi o que queria:

— Eu quero uma calça parecida com aquela que eu usava quando cheguei, uma camisa e também alguns acessórios, bota, cinto com fivela, também preciso do meu laço e um chapéu, mas o chapéu tem que ser de couro, gosto dos de couro pois são mais resistentes ao calor.

Os enfermeiros ouviam e se olhavam, dessa vez os risos se transformaram em gargalhadas que não paravam, percebendo que os dois não paravam de rir perguntei com seriedade:

— Escutem aqui! Mas por que riem tanto?

Eles imediatamente contiveram as gargalhadas e um deles respondeu:

— Senhor José, estamos rindo porque perguntamos se já se sente como espírito, o senhor disse que sim, mas parece ainda sente como se estivesse vivo na terra!

— Mas se preciso trabalhar então por que não posso usar uma roupa decente?

— Mas o senhor não vai trabalhar tocando boiada! Tem que se recuperar mais um pouco para depois seguir para os labores de resgate. Por enquanto fará pequenas tarefas.

— Escute aqui meu amigo, será que poderia por favor me oferecer essas roupinhas? Olhe, eu me sentiria muito agradado e feliz sabe!

— Escute senhor José, vamos providenciar, mas por enquanto o senhor usa essa roupa que trouxemos. Antes vamos nos apresentar, eu sou o enfermeiro Barnabé, e esse é Joaquim, aqui nos tratamos como irmão Barnabé e irmão Joaquim, mas se preferir pode me chamar apenas de Barnabé.

Sempre fui um homem que apreciava as boas conversas, e quando Barnabé se apresentou com tanta boa vontade eu disparei:

— Eu sou José Agripino da Silva! Mas pode me chamar de seu José ou seu Zé! Lá na terra eu era boiadeiro, tocava boiada, sei sobre cultivo de todos os tipos, principalmente plantação de cana de açúcar, mas também sei sobre o cultivo de batatas e tomate...

Antes que eu terminasse o discurso Barnabé sorriu, pegou pelo meu braço e falou:

— Meu amigo, aqui as coisas são um pouco diferentes. Agora venha, nos acompanhe, com o tempo achará algo que possa trabalhar, que seja condizente com sua situação atual.

Ainda rindo os dois me levaram para um lugar dentro do hospital, se parecia com um pequeno refeitório, Joaquim foi para outra ala e Barnabé sentou-se comigo, logo me trouxeram um prato com sopa e um copo com água.

Barnabé explicou:

— Coma José, essa sopa é diferente daquela da terra, mas é muito saborosa.

— É saborosa mesmo! Tem gosto de carne, mas não vejo carne aqui! Será que não tem um pedacinho de carne para me servir?

— José, essas coisas não têm por aqui, não existe o sacrifício de animais. Antigamente serviam algo parecido com carne, era plasmado, mas hoje em dia isso foi abolido, acham melhor que esses hábitos sejam eliminados o quanto antes. É meu amigo, as coisas por aqui são diferentes!

Barnabé não se cansava de repetir que as coisas eram diferentes, e continuou a explicação:

— Eu também tenho saudades de algumas coisas da terra, mas não podemos sair por ai plasmando um pernil! Vamos deixar isso para lá! Não deveria nem estar te contando isso! Aqui temos uma maneira diferente de produzir os alimentos, são mais nutritivos e saudáveis, pelo menos não precisa ficar correndo atrás de boi, não é verdade?

Enquanto Barnabé me contava sobre o funcionamento do lugar, eu tomava sopa e água, sopa e água, sopa e água, tudo líquido! Pelo visto a carne que eu tanto gostava na terra não faria mais parte das minhas

refeições. Em pouco tempo de conversa fizemos amizade, ele me contou um pouco de sua vida na terra:

— Sabe José, também fui agricultor, no tempo da colônia, época de Dom Pedro I.

— Mas eita que você é velho mesmo! Eu pensei que eu era velho, mas você é pior!

Barnabé sorriu e explicou:

— Faz aproximadamente oitenta anos que trabalho nesse posto de atendimento.

— E agora? Vamos ficar todos esperando o danado do juízo final né? Trabalhando até chegar o dia do juízo!

Barnabé ria e ria das coisas que eu falava, e com muita paciência me explicava que não existia um juízo final, que nem tudo era como ensinavam na terra.

Enquanto ele falava meus pensamentos se desviaram para o tempo que passei com Maria Luzia, tentei me concentrar no que o amigo explicava, mas como a lembrança persistia resolvi perguntar:

— Seu Barnabé, me escute, e a moça, Maria Luzia, quando é que vou poder ver?

— Calma seu José! Com o tempo! Tudo na sua hora, ela não vai fugir! Eita que o homem está apaixonado!

— Eu estou apaixonado mesmo! Eitaaaa que tô mesmo! Aquela mulher me deu motivo para viver, despertou algo bom que estava preso dentro de mim. Sofri muito, e fiz várias coisas erradas para minha mulher, já nem acreditava que poderia amar alguém novamente! Mas não quero pensar em meu passado, quero uma vida melhor.

— Isso mesmo meu amigo! Agora é vida nova!

Eu e Barnabé ficamos um longo tempo conversando, até que Joaquim se aproximou de nossa mesa avisando:

— Está na hora senhor José! Chegou seu transporte!

— Transporte? Aposto que aqui as carroças são melhores que as da terra! Tendo em vista que os hospitais daqui são muito melhores! Nunca vi cama e mesas que flutuam!

— Olha amigo, você ainda não viu nada! Já viu alguma vez carroça que voa?

— Carroça que voa? Isso eu nunca vi não!

— Mas é claro que não! Ainda vai ver muitas coisas que nunca viu!

Barnabé dava risada, levantamo-nos e fomos com Joaquim até a tal carroça que voava, e para minha surpresa era um transporte muito parecido com um tipo de carruagem, contudo, mais bem equipado e moderno, o transporte pairava no ar parado do lado de fora do posto de atendimento.

Quando saímos percebi que o lugar era cercado por muros altos que lembravam os fortes de castelos medievais, muito bem guardado e protegido, do portão para dentro a temperatura era agradável e constante, do lado de fora não se via a luz do sol, somente penumbra, o frio era insuportável, dentro a energia era leve, do lado de fora densa e pesada. Surpreso com tamanha diferença, comentei com Barnabé:

— Que coisa mais esquisita! Dentro é uma coisa e fora outra?

— É seu José, o senhor tem muitas coisas para aprender, vou tentar explicar. Na verdade, o hospital é guardado por um forte, do portão para dentro a energia é semelhante ao posto de socorro, fora a energia é condizente com a região umbralina em que o posto está localizado, é difícil explicar agora, mais tarde o senhor vai entender.

— Essa carroça voa?

— Parece uma carroça, nesse lugar é assim que precisa ser plasmada para que possa deslizar, a energia é muito pesada, não podemos esquecer que estamos no umbral!

— Umbral, doisbral, trêsbral! O senhor chame como quiser, para mim isso aqui é o inferno, só faltou o capeta e os rios de lava!

Barnabé novamente caiu na gargalhada:

— Não se preocupe seu José, um dia o senhor vai aprender que em outras zonas, ainda mais densas é possível encontrar o capeta com chifres, assim como as pessoas falam na terra! O espírito toma a forma que quiser! Mas agora vamos embora!

Subimos no transporte junto de companheiros que também seguiriam para outras zonas, o transporte por fora parecia pequeno, mas dentro era grande, cabiam aproximadamente dez pessoas. A carroça logo subiu como um raio, em pouco tempo chegamos à outra zona, descemos e percebi que o lugar era um pouco melhor, podia-se ver o céu um pouco mais claro, disse para Barnabé:

— Eita que aqui parece um pouco melhor! Dá pra ver um pouco de sol, mas parece que vai chover!

— José, aqui ainda é uma zona umbralina, mas um pouco melhor, alguns companheiros ficarão aqui, você pode subir no transporte, te levaremos para outro lugar.

Entrei e logo o transporte se deslocou novamente, não demorou para que chegássemos em outro posto de auxílio, dessa vez muito maior, ainda localizado nas zonas umbralinas, no entanto em uma faixa um pouco mais elevada.

Descemos da carroça e avistei uma construção de pedras, muros altos com torres de guarda e portas de madeira grossa, diferentes das portas da terra que precisavam ser abertas e fechadas para dar passagem, essa desaparecia quando nos aproximávamos para entrar. Dentro via-se intensa movimentação, o local contava com muitos trabalhadores que iam e vinham de todos os lados. Curioso, perguntei a Barnabé:

— Que lugar é esse?

— É a Colônia de Santa Maria, um posto de atendimento localizado um pouco acima daquele que estávamos, chamamos esse lugar de Conforto.

— Conforto?

— Sim, aqui a temperatura é mais agradável, o sol dissipa mais claridade, os espíritos sofredores da região são recolhidos com mais facilidade, é um pouco melhor do que a zona que você estava, lá existem mais espíritos vingativos e revoltados.

— Eu sei que cometi muitos erros, mas não era tão ruim assim! Não sei por que fui parar lá!

Barnabé fez uma cara de quem falou o que não devia, tentando concertar falou:

— José, você não era um homem ruim, mas suas energias te levaram para lá! Na verdade, não tem só espíritos ruins né!

Mais tarde compreendi que Barnabé estava tentando me consolar, na realidade a região onde eu estava era povoada por espíritos sedentos de vingança, dominados pela raiva e ódio, e eu era um deles.

— Barnabé, para onde vamos?

— Vamos te levar para seu quarto, esse posto por fora parece com uma construção pequena, mas dentro é muito grande, tem várias alas e quartos, é aqui que você vai trabalhar, com o tempo, e aos poucos vai adquirir as habilidades que nós já temos, e não vai demorar muito, será mais rápido que pensa. Vou te mostrar todo o lugar!

Barnabé me mostrou todas as alas, Joaquim que ao desembarcar se separou de nós, veio a meu encontro sorrindo e perguntou:

— E como foi a viagem seu José? Demorou muito?

— Que pergunta é essa? Você está brincando comigo homem?

— Estou brincando sim, sabemos que é rápido!

Fui levado para o quarto, as acomodações eram confortáveis, sem saber o que fazer, perguntei a Barnabé

— E agora? O que tenho que fazer?

— Descanse, na hora certa será chamado para receber explicações, ainda tem outros companheiros que estão para chegar, quando todos estiverem reunidos serão distribuídas as tarefas, aqui todos vivem em sociedade, tem seus afazeres, é como um lar onde todos se ajudam. Eu e Joaquim voltaremos para nosso posto de atendimento, pois é lá que realizamos nosso trabalho, mas não se preocupe, você terá toda a ajuda que precisar, fará novos amigos, e em breve voltaremos a nos encontrar.

Barnabé e Joaquim se despediram com um aperto de mão, antes que partissem, falei:

— Agradecido por toda a ajuda, conversamos muito, demos risada, foram bons momentos. Agora preciso pensar em como vai ser daqui para frente, vou trabalhar para fazer uma vida melhor! Mas... sabe, eu queria muito encontrar com Maria Luzia!

— Tenha calma seu José! Com o tempo, ainda não é a hora!

Após a partida dos amigos, me recolhi pra descansar, imaginava como seria a vida de agora em diante.

Pouco tempo depois vieram me chamar, fui levado para um grande salão onde havia outros recém-chegados, nos explicaram as regras do lugar, qual seria nossa função, em seguida recebemos uniformes. Logo percebi que a roupa que pedi a Joaquim nunca viria, e dessa vez a vestimenta era ainda pior, uma calça e algo que chamavam de bata, que para mim parecia mais com um vestido, gostando ou não, todos usavam o uniforme, e não adiantaria pedir calças, camisa, cinto, botas ou chapéu, pois existiam regras.

CAPÍTULO VI
O Bom Trabalhador

Fui designado para trabalhar na ala dos recém-resgatados, minha função era servir caldos, água magnetizada, manter o lugar higienizado e dar amparo para aqueles que acordavam, era um tipo de copeiro.

Para fazer o trabalho com eficiência, recebemos treinamentos com instruções claras para evitar perguntas sobre idade, família, tipo de morte, não falar sobre umbral, inferno, que estavam mortos, desencarnados, medidas necessárias para que a recuperação acontecesse o mais breve possível e sem perturbações maiores.

Logo, iniciei o trabalho dentro daquela fraternidade, levava caldos, água, limpava o lugar e amparava os que necessitavam, minha maior dificuldade era conversar com as pessoas que acordavam, pois sempre faziam muitas perguntas, queriam informações sobre a família, onde estavam, o que tinha acontecido, eram perguntas que não acabavam, sem saber o que responder, sempre falava a mesma coisa:

— Volte a dormir, precisa descansar! Não faça perguntas! Durma para se recuperar logo! Tome seu caldo! Tome sua água!

Muitos eram insistentes, e quanto mais o tempo passava mais perguntas faziam, bastava que acordassem do sono induzido para iniciarem os interrogatórios.

Na condição de aprendizes, precisávamos de supervisão, então dois enfermeiros mais antigos, Abraão e João Almeida, sempre olhavam de longe, atentos a nossa conduta, cuidavam para que não falássemos mais do que o necessário, visto que, as pessoas que se recuperavam não sabiam que estavam desencarnadas.

Apesar do grande desejo de ajudar, responder as perguntas e acabar com as dúvidas daquelas pessoas, eu não tinha o traquejo, sensibilidade e conhecimento, não tinha evolução para tarefa tão delicada, trazia as maneiras de quando estava encarnado na terra, era espontâneo, sem rodeios e direto demais, ou seja, uma conduta

inadequada para a ocasião. Então fazia meu trabalho e evitava ao máximo qualquer tipo de diálogo com aqueles que estavam acordados.

Durante uma das jornadas de trabalho, eu servia água e caldo para um irmão que estava a longo tempo em recuperação, apesar de todo cuidado ele acordou, em um movimento rápido sentou-se na cama, parecia sonolento e entorpecido, notei que o homem estava estático, preocupado com a situação, perguntei:

— O senhor sente-se bem?

— Onde eu estou? Que lugar é esse?

— O senhor está no hospital

— Meu Deus! Pensei que tinha morrido, ainda bem que estou no hospital! Mas que hospital bonito! Nem sabia que tinha hospitais tão bons nessa cidade! E olha que deve ser público, pois não temos dinheiro para pagar!

Ele era mais um dos pacientes que não sabia do desencarne, sua passagem aconteceu na década de sessenta, momento em que os hospitais na terra eram ainda mais arcaicos, o homem olhava toda aquela tecnologia e acreditava estar em um hospital futurista, sequer imaginava que estava desencarnado, que havia passado um longo período nas zonas umbralinas e agora estava em recuperação em um hospital no plano espiritual. Explicar a verdade exigiria muito cuidado, pois poderia atormentá-lo tanto a ponto de comprometer gravemente sua recuperação. Então, com muita cautela e receio continuei a conversa com o homem.

— Pois é! A situação da saúde melhorou muito! Avançou rápido demais!

— Que bom né! Eu estava com muita dor no coração, tive um infarto! Ainda bem que estou em um hospital e sendo bem atendido. Tive um dos meus piores pesadelos! Sonhei que estava em um lugar feio demais, com bichos estranhos me perseguindo, mulheres e cobradores do passado me cercavam por todos os lados! Gente que já morreu me procurando para cobrar o que eu devia, pode uma coisa dessas?

— É mesmo! Mas que danação! Me fale mais dos seus sonhos!

— Não consigo lembrar muito bem, mas foi terrível!

Inconsciente do perigo que era fazê-lo lembrar do suposto sonho, me deixei levar pela curiosidade. Peguei o prontuário ao lado da cama e dei uma rápida olhada, nele havia o nome de Cosme, espírito em recuperação, os motivos e dia do desencarne, tempo que permaneceu no umbral, local onde viveu na terra, informações sobre a família, mas curioso, queria saber sobre os sonhos. Então continuei a conversa com Cosme.

— Que sonhos esquisitos né seu Cosme! Tem certeza de que não consegue lembrar mais nada?

Nesse momento percebi que João Almeida e Abraão observavam de longe, atentos a minha conversa com Cosme, temendo uma repreensão parei com as especulações, no entanto, Cosme não parava de falar sobre o sonho, de repente começou e fazer perguntas, comecei a ficar aflito, apenas ouvia sem responder nada, percebendo meu silêncio Cosme se irritou e alterou o tom de voz:

— O senhor é médico daqui? Pois essa sua roupa não parece com roupa de médico! Parece roupa de dormir! Quem é o senhor? É ajudante? Enfermeiro?

— Mais ou menos! Faço de tudo um pouco. Também acho estranho esse uniforme, mas é isso que os hospitais modernos dão para os funcionários vestir.

— Então quero falar com o médico! Quando é que ele vem conversar comigo?

— No horário certo ele vem conversar com o senhor, agora é necessário que tome seu caldo, sua água e volte a dormir para descansar e se recuperar rápido.

Cosme aceitou o prato de sopa, mas não parava de fazer perguntas, eu tentava escapar de todas as maneiras, e o homem ficava cada vez mais inquieto, perguntava do médico, da família, do lugar, sem saber como responder comecei a ficar nervoso, e quando ele deu a última colherada na sopa rapidamente retirei o prato e falei:

— Agora que terminou sua sopa precisa descansar! Mais tarde o médico vai explicar tudo que o senhor quer saber!

Quando tentei dar as costas para ir embora Cosme perguntou:

— O que tem nessa sopa? É tão diferente! Sopa de hospital é sempre ruim né!

— Pior que o senhor tem razão, sopa de hospital é ruim mesmo! Essa diferença é porque o senhor está acostumado com as sopas que servem na Terra! E a sopa daqui é diferente!

Cosme arregalou os olhos e começou a gaguejar:

— Sopa da Terra? Como assim? Não estamos na Terra?

Foi então que percebi, no nervosismo falei demais, e antes que Cosme fizesse outra pergunta tentei concertar o erro:

— Estou brincando! O senhor me contou que sonhou que estava morto, só quis brincar um pouco para descontrair! Está tudo certo, tudo bem, agora precisa dormir, deite-se, vá, vá, descanse um pouco!

— Mas que horas o doutor vem falar comigo? Já estou bom! Quero ir para casa!

Paralisado, sem saber o que falar eu só pensava: — Agora danou-se! O homem quer voltar para casa! Pelo amor de nosso senhor Jesus Cristo! vai dormir! O que vou falar agora? Não posso contar a verdade, mas também não posso mentir! Minha nossa Senhora! O que faço?

Mais uma vez tentei acalmá-lo, me aproximei novamente, segurei sua mão, e com toda minha paciência expliquei:

— Meu irmãozinho, a situação é a seguinte, você acabou de sofrer um infarto, está se recuperando, precisa descansar! Agora durma!

E antes que ele fizesse mais perguntas me afastei, sabia que no momento certo uma pessoa mais qualificada contaria toda verdade, essas situações exigiam muito cuidado, pois várias pessoas recusavam-se a aceitar a nova condição, entravam em estado de surto, por vezes, nos casos mais críticos as vibrações caíam drasticamente e por atração magnética acabavam voltando para as zonas astrais baixas. Quando percebiam que o paciente entrava em estado de perturbação, rapidamente vários enfermeiros se aproximavam, aplicam passes potentes que faziam a pessoa adormecer e assim manter o estado vibracional, dessa maneira evitavam que o espírito fosse atraído para o

lugar de onde foi resgatado. Consciente da gravidade, eu não queria correr o risco de falar algo que perturbasse Cosme.

Deixei Cosme com suas interrogações e fui até a cama de Josefa, uma mulher que havia desencarnado após ser atropelada por um bonde, seu estado era lastimável, trazia no corpo espiritual as mutilações do acidente, ao contrário de Cosme, Josefa estava consciente da sua situação, lembrava do acidente e sabia que estava desencarnada. Como estava em tratamentos há muito tempo, fizemos amizade durante os momentos que eu levava os caldos, e água, então tínhamos mais liberdade para conversar, chegando perto da amiga, perguntei:

— Como se sente Josefa?

— Ah meu amigo! Sinto dores por todo o corpo!

— Josefa, você sabe qual é seu estado né! Tem consciência que sente essas dores porque ainda está mentalmente ligada ao corpo material.

— Eu sei né homem! Mas ainda tô viva! Parece que tenho um corpo de carne!

— Você sabe que seu corpo espiritual também está em pedaços! Se levantar esse lençol vai ver que é uma desgraceira só!

— José, por favor, levante esse lençol e dê uma olhada, veja se minha situação ainda está muito ruim? Sabe que ainda não consigo fazer isso sozinha!

Eu me esforçava para seguir os ensinamentos do treinamento, tinha boas intenções e muita vontade de ajudar, pois eu já havia passado pelas mesmas dificuldades, sabia o quanto sofriam, mas não tinha tato para conversar, ainda trazia a consciência de quando era encarnado, sempre fui um homem direto, sem muitas palavras, um tanto rude, me faltava sensibilidade para falar com as pessoas. Josefa reconhecia minhas boas intenções, então não se ofendia com minha maneira de falar.

Atendendo ao pedido de Josefa, levantei o lençol, a situação da mulher era lastimável, e sem medir as palavras exclamei:

— Vixi! Tá danado!

Ela me olhou assustada:

— Tá feio é? Tanto assim?

— Tá é feio demais! Mas vai melhorar viu! Vai ficar boa! Os doutores logo vêm fazer radiações e vai melhorar!

— Não vejo a hora de ficar boa! Quero sair dessa cama e sentir meu corpo de novo! Não sinto as pernas e braços!

— É porque as pernas e braços foram separados do corpo durante o acidente, a coisa foi feia minha amiga! Nunca pensei que um bondinho pudesse fazer tanto estrago!

— Nem eu!

Enquanto Josefa dormia os médicos aplicavam os tratamentos necessários para recuperação do corpo espiritual, eram especialistas no restabelecimento de corpos espirituais mutilados, e como cirurgiões harmonizavam as energias e reconstruíam o corpo espiritual até que esse retomasse sua forma anterior. No começo, todos os dias ela me pedia para verificar se estava melhor, com o tempo a situação foi melhorando, seu corpo espiritual foi reparado.

Enquanto Josefa se recuperava rapidamente, Cosme continuava na mesma situação, acreditando que estava em um hospital da sua cidade.

Certa manhã fui até a cama de Josefa, levei algumas frutas, notei que ela parecia muito melhor:

— Bom dia Josefa! Como se sente hoje?

— Muito melhor! Meu amigo, será que poderia me ajudar a levantar?

Senti muita alegria em ajudar Josefa naquele momento:

— Mas é claro que sim! Venha, coloque seu braço em volta do meu ombro!

Ajudei Josefa a se levantar da cama, quando ela estava em pé, com o braço em volta do meu ombro, e se preparava para dar os primeiros passos falei:

— Espere! Cuidado! Pare, pare! Seu pé está caindo!

Josefa parou assustada, correu os olhos pelo chão e começou a olhar em volta, sem conseguir encontrar o pé me perguntou:

— Nossa Senhora! É mesmo? Está caindo? Onde está José?

Não consegui conter o riso e soltei uma gargalhada:

— Não está caindo! Estou brincando!

Ela franziu a testa, fez uma cara de brava, bateu levemente em meu braço e compartilhou da gargalhada:

— Seu danado! Não é que eu acreditei mesmo!

— Venha, vamos embora, vou te levar no refeitório que lá tem umas coisas gostosas para comer. Você gosta de carne de sol?

— Você tá brincando! Tem carne de sol pra comer?

— Sim, estou brincando, não tem carne não! Vamos é dar apenas alguns passos e depois é melhor que volte para cama.

Josefa se divertia com minhas troças, eram momentos de descontração, no entanto, essas brincadeiras eram sempre muito bem observadas pelos enfermeiros que supervisionavam nosso trabalho.

Depois de dar alguns passos com Josefa, percebi que Cosme estava acordando, e dessa vez bastou que abrisse os olhos para começar a surtar. O homem já estava se irritando com as explicações que nunca mudavam e sempre vinham seguidas por caldos, águas ou passes que faziam com que adormecesse. Naquele dia ele se enfureceu, sentou-se na cama e começou a gritar:

— Quando é que o médico vem me ver? Todas as vezes que acordo vocês me dão essas coisas para comer e eu volto a dormir! Nunca me dão explicações! Sempre que acordo estou nesse hospital!

Deixei Josefa na cama e corri para ajudar Cosme:

— Calma homem! Você quer ser levado para outro hospital?

Logo Abraão se aproximou, demonstrando exímia calma e paciência explicou:

— Senhor Cosme, o senhor está em uma situação delicada, não pode falar muito, precisa tomar sua água e se deitar.

Enquanto Abraão tentava acalmar Cosme, eu me mantinha calado, apenas assistia e pensava: — É sempre a mesma ladainha! Por que não contam a verdade? Não é melhor falar logo que ele está morto?

Abraão aplicou passes e logo Cosme adormeceu.

Voltamos para nossas tarefas, mas Cosme não me saía da cabeça, não parava de pensar que tudo aquilo me parecia injusto, que escondiam a verdade do homem só porque ele falava muito sobre o

suposto sonho com o umbral. Comparava Cosme com Josefa, pois ela chegou em uma situação muito pior e estava recuperada, até quando ele ficaria naquela ala sem saber a verdade? Depois de passar o dia pensando, decidi que precisava contar a verdade para Cosme, se eles não contavam, então eu contaria. A próxima vez que ele acordasse surtando eu acabaria com toda aquela ladainha.

E não demorou muito tempo, logo Cosme acordou, e antes que começasse a surtar fui até sua cama, olhando seriamente falei:

— Escute aqui senhor Cosme, é hoje que o senhor vai saber a verdade! O senhor acha que aquele lugar ruim foi um sonho? Aquilo não foi sonho, aconteceu de verdade, o senhor estava é no umbral!

O homem me olhava fixo, nem piscava, e eu continuei:

— E digo ainda mais, a dor que o senhor sentia no peito, por acaso passou?

— Sim está melhor, não sinto mais dor.

— Isso é porque o senhor está reabilitado, já pode sair andando! Mas antes precisa entender uma coisa importante! O senhor achava que tinha morrido, não é mesmo? Pois vou contar uma história, está vendo isso aqui na minha mão? É seu prontuário, e nele está escrito que o senhor teve uma parada cardíaca e agora está morto!

Cosme levou a mão ao peito, o rosto apavorado, com a voz embargada falou quase sussurrando:

— Não! Você está enganado! Não estou morto não!

— Pois é meu amigo! Esse é o problema! Se não quer aceitar então como é que vou te explicar? Me diga, que religião você era?

— Sou católico apostólico romano!

— Pois é! De acordo com sua religião, quando você morrer vai pra aonde?

— Depende das ações na terra né! Se eu fui um bom homem vou para o céu, se fui ruim vou para o inferno, e lá tem diabo e tudo!

— Pois é! Você não ta no céu e nem no inferno, está em um hospital! Mas te digo, aquele lugar ruim que você acha que sonhou era o inferno e era de verdade! E para encerrar, você está morto!

— Tô não! Tô vivo!

— Está morto! Morto! E eu também estou morto!

— Você é maluco, estou vivo e o senhor também!

— Quer saber de uma coisa? É melhor que pense assim! Eu vou é embora!

Dei as costas e saí, mas antes dei uma olhada no homem, ele ficou sentado na cama, olhava para o nada pensativo.

Voltei ao trabalho, me sentia indignado com aquela situação, os enfermeiros sempre falavam a mesma coisa, pediam que o homem tomasse, água, sopa, se deitasse, dormisse, repousasse, bastava que abrisse os olhos para correrem aplicar passes. Não aguentava mais ver aquilo, me doía no coração ouvi-lo reclamando que a mulher e os filhos nunca fizeram uma visita, pedindo para voltar para casa, pois precisava ver se a família estava bem, o que eu queria era vê-lo recuperado. E na ansiedade não percebi a inconsequência da minha conduta, mais tarde, arrependido fui ver Cosme, e para meu alívio ele estava bem, acreditava que eu era maluco, e que estava em um hospital da terra, não acreditou em minhas palavras. Isso foi bom, pois evitou que sofresse ainda mais.

Naquele mesmo dia, um pouco mais tarde o doutor foi até o leito de Cosme, que logo começou a falar:

— Doutor, por que minha mulher e meus filhos não podem me visitar? Preciso voltar para casa, tenho que cuidar da minha família!

— Tenha calma, paciência! Em breve terá notícias da sua família, mas para que isso seja possível é necessário que aceite o tratamento, que coopere com os irmãos que estão aqui para ajudá-lo.

— Mas já estou bem, posso ir para casa!

— É necessário que aguarde mais um tempo, confie em nosso trabalho, aceite a ajuda que lhe oferecemos, em breve compreenderá por que ainda não pode ver sua família. Quero que beba essa água, lhe ajudará em sua recuperação, logo voltarei para conversarmos mais.

Cosme aceitou os conselhos do Doutor, bebeu a água, recebeu o passe voltou a dormir, a partir desse dia outros enfermeiros passaram a cuidar dele.

Mais tarde compreendi que o problema não estava em falar a verdade, mas sim na maneira como eu falava. Foi depois de algum

tempo, muito estudo, a aquisição de mais consciência é que compreendi a conduta dos médicos e enfermeiros.

Com a participação nos trabalhos aprendi que muitos espíritos se recuperam, e seguem para outras colônias sem compreender que estão desencarnados, iniciam os estudos na Escolinha de Jesus onde recebem instruções básicas da vida no plano espiritual, e aos poucos se conscientizam da nova situação, para muitos é um processo lento. Sempre tem aqueles que se revoltam, não aceitam a nova condição, se recusam a continuar os estudos e preferem voltar para junto da família, nesses casos tenta-se convencer o espírito para que inicie uma nova trajetória, mas nunca se pode proibir que voltem, pois isso seria interferir em seu livre arbítrio, quando não se conformam são liberados, então voltam para junto dos entes queridos, e acabam causando sérios prejuízos a si mesmos e a aqueles que tanto amam e querem proteger.

Cosme era um desses irmãos que necessitava de muito auxílio e compreensão para que tomasse consciência da nova situação em que se encontrava.

Eu havia aprendido uma grande lição, no entanto, minha conduta teria um custo.

CAPÍTULO VII
Entre Amigos

Como minha conduta não atendia as expectativas dos coordenadores da casa de recuperação, a solução mais plausível foi iniciar minha transferência para uma colônia aonde meu trabalho fosse condizente com meu modo de ser.

Quando tudo estava decidido e acertado, com muita consideração e respeito um dos instrutores da casa me informou a decisão:

— Senhor José, somos muito gratos pela ajuda e por seu trabalho. O senhor é um homem irreverente, engraçado, mas as pessoas que chegam aqui precisam de atenção especial, um pouco diferente dos cuidados que o senhor oferece. Seus cuidados são muito bons! Mas em outra colônia seu trabalho será mais bem aproveitado. O senhor me entende?

— Já entendi! Vocês precisam de mim para outra coisa!

— Isso mesmo! Seu trabalho será muito útil em outra colônia. Aconteceu um acidente entre os encarnados, um incêndio onde muitos irmãos morreram carbonizados, a situação em que se encontram é extremamente delicada, serão trazidos para nossa colônia para que se recuperem, será necessária muita sutileza no tratamento com essas pessoas. O senhor ajudará no resgate desses irmãos, e nós faremos os tratamentos.

— Eu aceito trabalhar com o que for! A única coisa que quero é ajudar o próximo, ser útil e não ter que voltar para aquelas zonas onde estava. É só me dizerem o que querem que eu faça!

— A partir de hoje o senhor trabalhará com resgates, conduzirá grupos para locais de recuperação. Outros trabalhadores farão a abordagem inicial e prestarão os esclarecimentos e elucidações necessárias, em seguida o senhor, junto de outros companheiros conduzirão esses irmãos até os postos de atendimento. Agora vou te

apresentar dois cavalheiros que farão parte da equipe que o senhor trabalhará, eles poderão dar mais esclarecimentos.

Percebi que dois homens se aproximavam, dois cavalheiros distintos, não usavam uniformes, vinham vestidos com roupas iguais da terra. Um deles gentilmente me cumprimentou:

— Como vai Senhor José? Me chamo João da Mata e esse é meu amigo Jorge Cavalinho, soubemos do seu trabalho por aqui, que é um homem trabalhador! Precisamos de pessoas como o senhor, com um pouco mais de garra e firmeza, sabemos que é um bom homem, mas que não tem muita paciência para trabalhar no hospital.

Eu estava crente de que estava sendo transferido porque precisavam de meus trabalhos em outro lugar, não me passava pela cabeça que os reais motivos eram minha falta de tato com os pacientes. Confuso com o comentário de João da Mata, perguntei:

— Como não tenho paciência? Trabalho bem! Ajudo todo mundo!

Os homens se entreolharam, abaixaram a cabeça, depois de alguns segundos, João da Mata continuou:

— Está certo senhor José! Isso não tem mais importância! Nosso problema agora é outro, vou explicar tudo. Esse incêndio matou muitas pessoas, e agora existe uma grande quantidade de espíritos chegando e se depositando aos montes no umbral, precisamos de ajuda para prestar os primeiros socorros e levá-los para postos de recuperação, contamos com sua ajuda!

— Mas pode contar comigo!

— Então vamos para sua nova morada? Conhecerá o lugar, seus novos parceiros de trabalho e será instruído sobre sua tarefa. É uma colônia pequena, dentro de uma zona umbralina, mas muito bem protegida, acredito que logo se acostumará. Se quiser poderá trocar de roupas e abandonar esse uniforme, criamos algumas peças parecidas com as nossas.

Jorge apontou as roupas, e para minha felicidade eram muito parecidas com aquelas que eu usava na fazenda, botas longas, calças,

camisa, um cinto e chapéu. Foi com muita satisfação que deixei o uniforme de lado e vesti a roupa que os amigos criaram.

Pouco tempo depois iniciamos o trajeto para uma região situada em uma faixa pouco abaixo da colônia onde eu estava.

Antes de chegarmos perguntei para meus novos amigos:

— Para onde os senhores estão me levando? Eu conheço esse lugar! Já estive por aqui!

João da Mata respondeu:

— Não se preocupe Senhor José, vamos levá-lo para uma colônia que recebe os recém-resgatados, chama-se Colônia de Santa Gertrudes.

Quando chegamos notei que as portas eram grossas, plasmadas de madeira pesada, se abriam apenas para os trabalhadores da casa, a colônia era cercada por muros com mais de oito metros de altura, torres de guarda, tudo indicava que o lugar era muito bem protegido.

No hall de entrada havia um pequeno oratório com alguns bancos de igreja, imagens de Maria de Nazaré, São Jerônimo, São Lázaro, São Sebastião, vários santos católicos e uma imagem de Jesus Cristo com os braços abertos, em um canto uma pequena mesa com a imagem de Nossa Senhora Aparecida rodeada por velas. Os trabalhadores da casa mantinham seu ritual católico, plasmavam as imagens e suas velas como forma de devoção, eram pessoas simples, humildes que quando encarnadas trabalhavam do campo, lidavam com a terra, no trato com animais. Alguns cooperadores da casa desencarnaram no Brasil, mas em encarnações anteriores viveram na Europa, então se misturavam várias etnias, eram italianos, poloneses, alemães, espanhóis, produtores rurais, caboclos que lidavam com a terra, apesar das diferenças, existia algo em comum entre todos: a religião e a fé católica, e ninguém os proibia de cultuar seus Santos de devoção, pois isso mantinha acesa a fé em seus corações.

Em seguida fomos para um salão muito grande, no centro uma mesa onde várias pessoas aguardavam, João da Mata me puxou para um canto, colocou a mão em meu ombro e disse:

— José, essa é uma colônia de boiadeiros, você está em casa, entre amigos, aqui trabalhamos do nosso modo, fazemos as coisas do nosso jeito, desde que estejam dentro dos princípios das leis divinas.

— Uma colônia de boiadeiros?

— Sim, você vai trabalhar e viver conosco, como pode ver existem espíritos de todos os tipos, mulheres, homens, todas as pessoas simples do campo, estamos juntos por afinidade, todos se amam e respeitam independente do credo, religião ou etnia. Se quiser pode criar seus santos em nosso oratório. Agora se apresente para sua nova família!

Olhei para aquele grupo de pessoas que nunca vi antes e falei:

— Eu sou José Agripino da Silva!

João da Mata se sentou em uma das cadeiras e perguntou:

— José, você trabalhava com o que na Terra?

— Era produtor rural, pena que aqui não se pode plantar nada, essa região é puro lodo!

— Pois é amigo! É lama mesmo! Mas fazer o quê!

Todos deram risada, me convidaram para sentar e deram as boas-vindas, naquele momento me senti em casa, percebi que eram pessoas do campo como eu.

Jorge Cavalinho interrompeu o pequeno burburinho:

— Senhores, é hora da reunião e o assunto é sério. Está chegando nessa região uma quantidade muito grande de espírito que desencarnaram durante um incêndio. Estão vindo em grupos, todos juntos.

Intrigado com a informação, perguntei:

— Como pode pessoas diferentes morrerem e virem juntas para o mesmo lugar?

— Durante a reunião o senhor vai entender.

Quando Jorge Cavalinho falava, mais um membro entrou na sala, era Messias, o coordenador da colônia, ele tomou lugar em um dos assentos e deu seguimento a reunião:

— Senhores, temos um irmão novo no grupo, ele ajudará a fortalecer os trabalhos, e toda ajuda é bem-vinda, pois estamos diante de

um problema. São muitos espíritos desencarnados se agrupando nessa região do umbral.

Messias apontou no mapa a localização dos irmãos que seriam resgatados, até aquele momento eu sabia que a tecnologia no plano espiritual era muito mais avançada que a da terra, mas ao ver o mapa me surpreendi, o mesmo se desdobrou sobre a mesa como uma película finíssima formando uma tela, imediatamente iluminaram-se pontos que mostravam a localização das pessoas que precisavam ser recolhidas. Olhei espantado para Jorge e falei:

— Jorge, eu não entendo o que nosso amigo está falando! Que tipo de mapa é esse?

— José, como pode ver, aqui as coisas são diferentes, sei que na colônia que você estava não tinha nada disso, é normal que esteja admirado, nada disso existe na terra.

— É verdade! Todo lugar que olho tem uma coisa nova! Prefiro aqueles mapas de papel mesmo, mas essa coisa até que é bonita. Me explique Jorge, por que tantos espíritos estão se acumulando no mesmo lugar e de uma vez só?

— Afinidades José! Afinidade! Esse povo desencarnou dentro de um processo de morte coletiva, estavam no lugar e na hora certa, e não existe nada de errado, Deus não deixa cair uma folha sem que seja da sua permissão.

— Pois é verdade!

— Vou te contar uma historinha. Lembra-se de Nero? Aquele que colocou fogo em Roma?

— Sim, pois me lembro!

— José, você acredita que ele fez tudo aquilo sozinho? É claro que não meu amigo! Ele não conseguiria fazer sem ajuda, ele teve aliados, esses co-participantes passaram por outras encarnações, mas a lei é justa, cedo ou tarde a balança precisa ser equilibrada, dessa vez muitos reencarnaram na mesma época e lugar, e por magnetismo se atraíram para esse local que pegou fogo, após o desencarne se agruparam no mesmo lugar do umbral por conta de afinidades energéticas. Isso se chama morte coletiva, acontece porque essas pessoas têm afinidade,

débitos comuns, em outras encarnações já estiveram juntas, compartilhavam os mesmos ideais e praticaram os mesmos atos, é a lei da atração que faz parte da justiça divina. Agora vamos prestar atenção nas instruções de Messias, depois continuamos a esclarecer suas dúvidas.

Messias continuava apontando para o mapa, mostrando as pequenas agrégoras[1] formadas por forte energia onde os espíritos estavam se acumulando. Após serem determinadas as coordenadas, ele explicou a maneira como o trabalho seria realizado:

— Meus amigos, vamos nos reunir em grupos e seguir para essas agrégoras, faremos o resgate daqueles que tenham merecimento, pois esses estarão com energia vibratória elevada o suficiente para que sejam resgatados. O objetivo é ajudar o maior número possível de irmãos! Bom trabalho para todos!

Sem perder mais tempo nos separamos em grupos, antes de partirmos perguntei a Jorge:

— Jorge, me desculpe fazer perguntas tolas, pois acho que são um tanto tolas!

— Não se preocupe, suas perguntas não são tolas, suas dúvidas ajudam em nosso esclarecimento, aqui ninguém sabe tudo, estamos aprendendo, e com suas perguntas aprendemos juntos. José, você já foi para escolinha?

— Escolinha? Pois tem isso também? Aqui no inferno tem escola?

— José, aqui não é o inferno, é apenas uma região do umbral. Em uma faixa mais elevada existe uma escola, chama-se Escolinha de Jesus.

— E o que é essa escolinha de Jesus?

— É um local de aprendizados, lá você aprenderá muitas coisas, será bom, pois assim não precisará ficar perguntando tudo para nós, ajudará na sua evolução. Na terra você foi para escola?

— Não! Nunca fui para escola!

— Não se preocupe, quando encarnado também nunca estudei, mas aqui você poderá aprender tudo!

— Então vou me matricular nessa escolinha!

— Não precisa se matricular, basta iniciar os estudos, achamos que pelo tempo que você trabalhou no hospital já tivesse feito os estudos na escolinha.

— Não, nunca fui. Sabe, estou muito feliz, essas roupas são iguais às que usam na terra, não vejo ninguém com aqueles uniformes que parecem camisolas!

— Sim, apesar da semelhança com as roupas que usam na terra, essas são especiais, são próprias para os trabalhos nas zonas baixas, são feitas com energias positivas que repelem as energias densas dessas regiões, feitas para nossa proteção.

— É verdade? Feita de que energia?

— Vou explicar, as energias do umbral são muito pesadas de polo negativo muito forte, essas roupas são feitas com energia condensada de polo positivo, isso repulsa a energia negativa. Energias diferentes que se repelem!

— Talvez pudesse usar uma capa para me proteger dessa lamaceira!

— Não se preocupe José, com essas roupas estará protegido. — Agora vamos embora.

Juntei-me a Jorge, João Cavalinho e outros companheiros, ao chegarmos no portão mais uma vez me surpreendi ao avistar cavalos preparados para a tarefa. Foi-me confiada uma montaria, e seguimos em romaria para as regiões de resgate.

---

[1] ***Agrégora:*** Também chamado de campo energético, campo espiritual ou campo de forças, formado por energias emanadas pelos pensamentos e sentimentos de encarnados ou desencarnados. Essas energias se acumulam e condensam em determinado espaço, podendo ser no plano físico ou extrafísico. Uma agrégora pode envolver apenas uma pessoa, uma casa, ou uma região, atraindo seres com afinidade e vibrações compatíveis.

Existem locais no umbral com energias muito densas, que são de difícil acesso, para fazer o resgate nesses lugares é preciso ir a pé ou a cavalo, os animais nos ajudam a trafegar nessas regiões, desempenham um trabalho muito importante nos trabalhos.

Chegando ao local de resgate encontramos um grupo de Guardiões que nos saudaram educadamente, descemos dos cavalos e perguntei a Jorge:

— Jorge, quem são esses cavalheiros bem vestidos?

— São cavalheiros que trabalham na escuridão, sua tarefa é de ajudar nos resgates e principalmente manter a ordem, esses homens são guerreiros que lutam contra as forças do mal.

— Pois é mesmo?

— Sim, mas esse assunto é muito longo, depois te esclareço, agora precisamos nos concentrar.

Um dos guardiões, que ouviu nossa conversa me olhou e disse:

— Você não perde por esperar meu amigo, por aqui as brigas são de foice!

Intrigado, apenas assenti com a cabeça e fiquei observando.

Messias foi até um dos guardiões, tirou o chapéu demonstrando respeito e falou:

— Te saúdo guardião!

— Como vai meu amigo? O que você traz Messias?

— Viemos para ajudar, trago um comboio.

— Que bom que vieram, como pode ver, aqui estão os recém-chegados, é uma leva! Tome cuidado para não pisar, pois estão em carne viva e trazem a sensação das dores como se ainda estivessem na matéria!

— Sim, tomaremos as devidas precauções, já sabemos como proceder nesses casos.

Messias voltou-se para nosso grupo e falou:

— Senhores, prestem atenção, olhem apenas para baixo, não olhem para canto nenhum, apenas para baixo! Aqueles que estiverem chamando por Cristo devem ser puxados e socorridos. Concentrem-se naqueles que alcançaram o mínimo que seja de luz!

Nosso trabalho era envolver aqueles espíritos em nossas energias positivas, falar palavras de amor e consolo, conduzir seus pensamentos para o amor a Cristo, o perdão das faltas passadas, era necessário conscientizá-los para que suas vibrações aumentassem o suficiente e pudessem ser levados para locais com faixas vibratórias mais elevadas e assim receber o socorro que tanto necessitavam.

Olhei para baixo como Messias instruiu, foi então que entendi por que ele pediu tanta atenção. A cena era comovedora, aos nossos pés estavam amontoados vários corpos espirituais, tão unidos e grudados que pareciam pedaços de carvão misturados a lama do lugar, completamente queimados. Alguns gemiam de dor, outros completamente paralisados com a boca escancarada sem emitir som algum. Era difícil identificar onde começava e terminava cada um daqueles corpos.

Quando percebi o quadro crítico daqueles espíritos comecei a me sentir mal, a vibração de dor emanada por aqueles sofredores me afetou, e meu estado psíquico espiritual começou a se perturbar, imediatamente comecei a sentir o coração descompassado e fortes dores como no momento em que sofri o enfarte, era como se estivesse novamente na carne. Coloquei a mão no peito, sentia como se fosse infartar.

Jorge percebeu que eu estava passando mal, rapidamente se aproximou, me abraçou e falou:

— Zé, força Zé! Se levanta homem! Você não pertence mais a esse mundo!

— Jorge, não estou bem! Tô me sentindo esquisito!

— Zé, você sente isso porque está se envolvendo na vibração de dor dessas pessoas! Precisa lutar! Precisa ser como um cirurgião que olha para um paciente, se concentrar e estar dentro de você mesmo para poder ajudar esses irmãos!

Coloquei as mãos no rosto, sentia-me desesperado diante daquela cena:

— Meu Deus! Meu Deus, do céu! É um mundaréu de gente morta! Nem parecem pessoas!

O quadro foi muito impactante, comecei a entrar em pânico, Jorge me apoiava e logo Messias se aproximou para me ajudar:

— José, concentre-se em Jesus Cristo!

— Quantas pessoas mortas! Estão pretas! Um pior que o outro! Meu Deus, do céu! Meu Deus do céu! Não dá para saber o que é gente e o que é carvão!

Messias olhou para a pilha de corpos, colocou a mão no meu ombro e caridosamente falou:

— José, meu amigo, se acalme! Aqui não tem carvão, isso que você pensa que é carvão é gente também!

Olhei para os corpos com mais atenção, e Messias estava certo, aquilo que eu julgava serem pedaços de carvão eram corpos espirituais completamente carbonizados, fiquei ainda mais assustado:

— Meu Deus do céu! Tá é danado! É assim que fica quando a pessoa morre queimada na terra e vem pra cá?

— Sim José, é desse jeito!

— Messias, como é que vamos puxar se estão todos grudados? Olhe para eles, parecem com um pedaço de tronco queimado!

— José, se aproxime com cuidado, envolva com sua luz, fale boas palavras! Se conseguir abrace! Sua luz vai puxá-los! Vamos lá?

— Sim, vamos!

Com a ajuda de Jorge e Messias consegui recobrar meu equilíbrio, respirei fundo e segui os amigos.

De mãos dadas cercamos aquele amontoado de espíritos, formamos uma corrente de oração, e juntos enviávamos boas vibrações com alta força magnética. Notei que emitíamos algo parecido com correntes elétricas que percorria sobre os corpos, logo se formou uma agrégora de energias positivas ao redor daquelas pessoas. Era como se recebessem uma pequena descarga elétrica, e com isso alguns despertavam, aproveitando o momento de lucidez e comoção, começamos a esclarecer aqueles que estavam em condições de receber nosso auxílio, fazíamos o possível para ajudá-los a alcançar o mínimo de consciência e boas vibrações para que pudessem ser levados para colônias de recuperação.

Enquanto falávamos emitíamos boas energias, e alguns começavam a compreender o estado em que se encontravam, muitos se assustavam com a visão do lugar e dos corpos queimados, invocavam Deus, Jesus Cristo e todos os Santos pedindo perdão e ajuda, isso fazia com que suas vibrações se elevassem, permitindo que nossa ajuda fosse mais eficiente, e pudéssemos levá-los.

Nesse aglomerado de corpos havia mais de cem espíritos, alguns não conseguiram sair do transe e ficaram sobre a proteção dos Guardiões, mais tarde outra equipe tentaria despertá-los, e removê-los. Conseguimos recolher sessenta irmãos que foram levados em macas, alguns conseguiam caminhar com apoio, protegidos por um grupo de Guardiões nós seguimos a pé, toda nossa equipe ajudava carregando e amparando aqueles sofredores, logo chegamos a Colônia de Santa Gertrudes, onde foram encaminhados para o tratamento com passes magnéticos, eram os primeiros socorros, depois seriam removidos para Colônia de Santa Maria, onde receberiam tratamento completo.

Encerrado nosso trabalho João da Mata me apresentou um novo amigo:

— Matias, esse é Jose, recém-chegado da Colônia de Santa Maria, você pode procurar um quarto para nosso colega?

— Mas é claro! Venha José, o senhor tem sobrenome?

— Claro que tenho! Não sou filho de chocadeira! Mas pode me chamar de Zé!

Matias deu uma gargalhada e continuou:

— Trabalho nessa colônia a mais de vinte anos, isso comparado com o tempo da terra, como o senhor já deve saber, aqui o tempo é diferente, usamos como base os acontecimentos da crosta para saber em que ano estamos.

— É verdade, o tempo aqui é muito diferente mesmo, faz anos que desencarnei e não parece!

— É Zé, aqui a gente não sente o tempo!

— E você Matias, tem saudades da terra?

— Sim José, tenho muitas saudades!

A conversa com Matias me fez lembrar da esposa e dos filhos que ficaram na terra, olhando para o novo amigo, comentei:

— Sabe Matias, deixei pra trás mulher e cinco filhos, ficaram num estado que é melhor nem comentar!

— Quer um conselho José? É melhor que esqueça, deixe tudo para trás, todos tem seus Guardiões e espíritos que sempre estão próximos para ajudar, tem pessoas que ficam sem proteção porque querem, o ser humano é assim, prefere a mesquinharia, o egoísmo, esquecem de fazer uma oração sincera, não buscam melhoria, dessa maneira atraem para seu lado companhias infelizes.

Matias calou-se por alguns segundos, parecia reflexivo, depois de um breve tempo continuou:

— Desde que cheguei nessa colônia nunca recebi um só pensamento da minha família, e te digo que tenho muito amor por eles.

— Amigo, depois que desencarnei fiquei junto da minha família, me decepcionei muito com os comentários que ouvia, percebi que vivia uma ilusão, eu que pensava ser um bom marido e pai descobri que para eles não era nada, ser o provedor do lar não foi suficiente, tudo isso fez com que me atirasse em profunda revolta.

— Zé, o melhor que fazemos é deixar essas coisas de lado, evitemos comentar. Chegamos, entre, esse daqui é seu quartinho, está do jeito que foi plasmado.

O quarto era um espaço pequeno, com paredes brancas, um guarda roupa, uma cama simples com um colchão de molas muito confortável, notei que sobre a cabeceira havia uma cruz de madeira. Quando olhei para o lado algo me chamou a atenção, uma janela aberta mostrava uma vista belíssima, pastos verdes, pássaros, árvores e sol. Intrigado com a paisagem, perguntei a Matias:

— Não entendo essas coisas! Se estamos numa região baixa, de energias pesadas, onde tudo é escuridão, como é possível abrir a janela e ver o sol e essa paisagem?

— José, esse quarto era de uma pessoa muito importante que ajudou a construir essa Colônia, já percebeu que a estrutura lembra

muito uma igreja? Quem iniciou tudo por aqui foi um padre jesuíta, esse era o quarto dele.

— Ele plasmou essa paisagem, na verdade, se sair para fora da janela o que vai encontrar é a parte exterior da nossa colônia, o que você pode ver é a tela mental dele, que ficou plasmada e se mantem na mesma energia, pode chamar de agrégora, uma forma mental criada pelo pensamento desse amigo.

— Como é o nome desse padre?

— O nome dele é Inácio, um dos fundadores dessa casa de acolhimento.

— Interessante, e muito bonito!

— José, em outra existência padre Inácio foi grego, batizou essa tela mental de Campos Elísios.

— Bem que eu gostaria de viver nesses Campos Elísios!

— É verdade, e quem não gostaria? É para isso que estamos trabalhando, para ganharmos iluminação, uns vem e outros vão, e todos buscando evolução! Agora quem está no comando da colônia é Messias, que há muitos anos realiza esse trabalho de ajuda. Agora precisa descansar, fique à vontade. Boa noite José.

— Aqui sempre é noite né, sempre escuridão!

— Pois é meu irmão, nessas zonas é a escuridão que predomina. Agora descanse, por enquanto nós também precisamos dormir.

Matias saiu e fiquei mais um pouco na janela admirando a paisagem, algum tempo depois me deitei para descansar. O que fazemos é repousar para repor as energias gastas nos trabalhos de resgate, não é um sono como dos encarnados, não sonhamos, não temos desdobramentos, é semelhante a um relaxamento profundo, onde por vezes emergem lembranças de outras existências. Ao contrário do que muitos imaginam, nossa rotina é muito parecida com a da terra, ingerimos alimentos plasmados, descansamos, temos nossos momentos de lazer e trabalhamos muito.

CAPÍTULO VIII
Reencontro

Com o passar dos dias os resgatados do incêndio se recuperaram e foram transferidos para colônia de Santa Maria, e logo chegou um novo grupo de necessitados.

Conversava com Matias quando vi o agrupamento entrar, entre os vários trabalhadores que amparavam as pessoas, uma pessoa me chamou a atenção, imediatamente parei a conversa com Matias, não acreditava no que meus olhos viam, me aproximei devagar para ter certeza, aquela trabalhadora que amparava uma senhora era a mesma mulher que mexeu tanto com meu coração, era Maria Luzia que chegava para se juntar a nossa equipe de trabalho. Quando tive certeza de que era ela, me senti dominado por uma imensa alegria, corri em sua direção e a abracei, surpreendida ela retribuiu em silêncio, ficamos parados, envolvidos por aquele momento de felicidade, depois de breves instantes Maria Luzia me olhou nos olhos, passou as mãos em meu rosto, pude sentir que ela estava tão feliz quanto eu, a abracei novamente, mal conseguia acreditar que finalmente havia chegado o momento do reencontro.

Com os corações mais calmos começamos a colocar os assuntos em dia, peguei ela pela mão e fui mostrar o lugar, perto de Maria Luzia eu era um recém-chegado que se sentia veterano, queria mostrar tudo. Meus companheiros logo perceberam a intimidade, sorriam ao me ver passar, eu estava todo pomposo e completamente apaixonado, não conseguia esconder a felicidade, o tempo que passamos naquela caverna fez com que criássemos um laço de amor muito forte.

Daquele dia em diante Maria Luzia passou a fazer parte da nossa equipe, era mais uma trabalhadora da colônia e minha companheira.

Os espíritos resgatados pela equipe de Maria Luzia logo se reestabeleceram e estavam prontos para serem encaminhados para Colônia de Santa Maria, foi quando Messias veio conversar comigo:

— Zé, esses irmãos devem ser removidos para Santa Maria, precisam continuar o tratamento, preciso de pessoas que os acompanhem, logo chegará a unidade de resgate para levá-los.

— Está certo, eu os acompanho! Vou falar com Maria Luzia e logo volto.

Fui até a ala que Maria Luzia trabalhava:

— Luzia, vou acompanhar um grupo que seguirá para Colônia de Santa Maria, mas logo eu volto.

— Está bem Zé, ficarei te esperando!

Ela me abraçou, nos despedimos e voltei para a missão. Quando cheguei, João da Mata e Jorge Cavalinho organizavam as pessoas, formávamos um trio que sempre estava junto, seguimos para Santa Maria.

Quando chegamos, Abraão e outros trabalhadores já estavam preparados para receber os novos necessitados que logo foram conduzidos para as alas de recuperação.

Ajudamos a acomodá-los, e quando terminamos o trabalho fui até Abraão para me despedir:

— Abraão, agora que todos já estão acomodados nós vamos descer.

— Está certo José, agradeço muito a ajuda!

Abraão conversava com João Almeida, tentavam encontrar a melhor maneira de ajudar todas aquelas pessoas. O grupo de enfermeiros da casa era muito pequeno, e o comboio que levamos contava com aproximadamente setenta novos espíritos necessitados. Na tentativa de arrumar uma solução João propôs:

— Abraão, precisamos de ajuda! José já trabalhou em nossa colônia, sabe como fazer o trabalho!

— Concordo João, mas José não tem os requisitos necessários para trabalhar na enfermaria! Ele é muito trabalhador e competente, mas não para esse tipo de trabalho!

— Abraão, somos espíritos, mas não podemos nos dividir em quatro para atender a todos! Precisamos de ajuda! José poderá ajudar

muito e o trabalho será feito mais rápido! Ele era homem do campo, tem agilidade para se deslocar, não tem preguiça, trabalha muito bem!

— Esse é o problema! Essa maneira de homem do campo faz com que seja brusco! Isso às vezes atrapalha! Essas pessoas estão completamente carbonizadas e muitas ainda nem sabem! Precisaremos de muita paciência, e cautela!

Enquanto nos preparávamos para retornar a Santa Gertrudes, eu percebi que Abraão e João falavam de mim, isso fez com que me apressasse mais ainda, e não demorou para que os dois viessem em minha direção, Abraão se aproximou sorrindo e comentou:

— Sabe José, estamos com poucas pessoas na enfermaria, o comboio de hoje trouxe muitos irmãos que precisarão de toda nossa atenção!

— Abraão, não se preocupe, sei que vocês são muito competentes no que fazem, darão conta de tudo! Se me dão licença, eu vou indo, pois tenho muito trabalho.

Jorge deu alguns passos em minha direção e falou:

— José, venha cá meu amigo, temos um empasse aqui! Abraão é nosso superior, está no comando dessa colônia, é quem decide, e o que ele decidir temos que cumprir!

Abraão que conseguiu ouvir nossa conversa comentou:

— José, seu amigo está certo!

Olhei contrariado para Abraão e perguntei:

— Abraão, essa é sua última palavra? Sei muito bem sua opinião obre meu trabalho, pensa que eu mais atrapalho que ajudo! Então vou voltar com meus amigos.

— É melhor que fique José, precisaremos de ajuda! Não tenho nada contra seu trabalho, temos que fazer alguns ajustes, apenas isso!

Mais uma vez olhei para Abraão com contrariedade, mas dessa vez respondi com um tom de ironia:

— Já que todos aqui gostam tanto de mim! Não é mesmo Abraão? Então eu fico!

Abraão era nosso superior, não poderia me impor diante de seu pedido, por mais que não gostasse teria que ficar. Sem muita opção, olhei para Jorge e pedi:

— Por favor Jorge, avise Maria Luzia, eu prometi que logo voltaria, diga que terei que ficar um tempo por aqui, mas assim que for possível irei visitá-la. Pretendo retornar logo para nossa colônia!

Nesse momento Abraão se retirou, e João Almeida, interrompeu minha conversa com Jorge:

— José, não fale que voltará logo, precisamos muito da sua ajuda aqui, antes que seja liberado, teremos que trazer irmãos de outras colônias para ajudar nos trabalhos, isso pode demorar um pouco!

— Pois que seja rápido! Quero voltar para perto dos meus amigos, não quero ficar em um lugar aonde não gostam do meu jeito! E eu não vou mudar para agradar os outros!

— José, não esqueça que Abraão é um espírito um pouco mais evoluído que nós, sendo assim não necessita ouvir o que estamos falando, ele pode ver de longe em sua tela mental! Então cuidado com o que fala meu irmão!

Notei que Abraão me olhava de longe e começou a vir em nossa direção, dei um sorriso preocupado e comentei com João Almeida:

— Vixi! Danou-se! Falei demais! Lá vem o homem!

Abraão se aproximou e parou na minha frente, me olhando fixamente pediu com humildade:

— Senhor José, se está aqui para nos ajudar então colabore! Realmente precisamos de ajuda!

— Ajudarei é claro, mas quero tempo para visitar minha família, pois agora os irmãos da colônia de Santa Gertrudes são minha família!

— Tudo bem, faremos nosso trabalho, e estudaremos uma maneira do senhor visitar sua colônia.

E assim retomei o trabalho de antes, servindo sopas, água e muitos passes para que dormissem e se recuperassem. Para ver Maria Luzia eu precisava esperar o módulo de transporte que passava pela colônia, era mais seguro do que ir sozinho, como estávamos em poucos enfermeiros para cuidar de tantos irmãos era difícil se ausentar.

Apesar do desejo de estar em Santa Gertrudes, eu executava o trabalho com todo empenho, seguia as instruções de Abraão, tentava ser cordial, falar pausadamente, com calma e paciência.

Em determinada ocasião fui designado para ajudar uma das vítimas do incêndio, me aproximei da cama, peguei o prontuário, verifiquei as informações, era o senhor Araújo de Souza, notando que o homem acordava, me aproximei, coloquei a mão em seu ombro e falei com toda a calma e cordialidade que era possível:

— Bom dia! Como está o senhor! Posso lhe chamar de Araújo?

— Po-po-po-deeee.

Araújo era gago, achei intrigante notar que após o desencarne o espírito continuava com a gagueira, ajudei Araújo e se sentar na cama e perguntei:

— Como o senhor está se sentindo?

— To, me-me-me-lhor.

Percebi que o diálogo seria difícil, ainda que me esforçasse para ser paciente, nem sempre lograva êxito, esse era meu maior problema, a paciência era uma das virtudes que eu precisaria aprender em próximas encarnações, apesar da dificuldade na comunicação, tentei manter a calma e continuei:

— Não precisa se esforçar para falar! Não fale, não fale! Apenas ouça o que tenho a dizer! O senhor está em um hospital da região.

Gaguejando ele perguntou em qual hospital estava, inventei que era um hospital de Carapicuíba.

Araújo olhou ao redor, observou as camas que flutuavam, confuso me perguntou:

— Ca-ca-ca-rapicuíba? E-e-e-e os hospitais de Ca-ca-ca-rapicuíba são tã-tã-tão bons assim é?

— Sim, hoje em dia tudo está muito moderno, as camas saem das paredes e ficam elevadas!

Eu não podia falar que as camas flutuavam, pois ele ainda não havia entendido que estava desencarnado, e ele começou com uma pergunta atrás da outra, comecei a ficar nervoso, pois as perguntas e a gagueira me afligiam, olhava para Araújo e para o corredor da ala

tentando ver se Abraão estava me observando, fazendo o possível para conter o nervosismo falei:

— Por favor senhor Araújo, se acalme, fale devagar para que possa entender!

— Seu nome?

— É José, sou enfermeiro aqui a seu dispor!

Ele queria conversar, mas era praticamente impossível compreender o que ele dizia, deixei que falasse e prestei o máximo de atenção, e com muita dificuldade ele explicou sobre um incêndio, chamas que se alastravam por todos os lados, e no final perguntou se eu tinha seu prontuário. Respondi que já havia verificado sua ficha, não queria que ele visse o prontuário, pois certamente faria mais perguntas, os prontuários do astral são como uma tela fina de plasma, bem diferente dos usados na terra, uma tecnologia muito mais avançada do que qualquer coisa que ele já tinha visto. Com cautela continuei a explicação:

— Araújo, o senhor precisa se recuperar, não pode ficar se movimentando, teve queimaduras de terceiro grau!

Ele olhou assustado e gaguejando pediu para que eu levantasse o lençol, ele queria ver como estava seu corpo.

— Senhor Araújo, é melhor que não veja! Se acalme e descanse, logo estará bem! O senhor não pode ficar levantando o pescoço!

Minha vontade era contar que ele não precisava mais gaguejar, que estava morto, mas eu não podia, as normas da casa eram evitar qualquer assunto que perturbasse os recém-chegados. Eu tentava contornar a situação com Araújo, que insistia para ver o corpo, em um esforço quase sobre-humano, mais uma vez tentei convencê-lo a descansar:

— Olhe, não insista, o melhor que o senhor tem a fazer agora é tomar sua sopa, sua água fluidificada e dormir!

Quando falei a palavra fluidificada o homem arregalou os olhos, assustado e sem entender o que acontecia, Araújo foi dominado pelo nervosismo que atenuou ainda mais o problema da gagueira, agora ele queria saber o que era água fluidificada.

Foi então que me dei conta de que havia falado demais, na tentativa de concertar respondi:

— É que essa água daqui é tão gostosa que a batizei de fluidificada, um dia explico o que é fluidificada! Agora vou lhe ajudar a se alimentar e depois o senhor vai descansar.

Sem dar oportunidades para Araújo continuar com as perguntas, dei-lhe a sopa, a água, em seguida apliquei passes e logo ele adormeceu.

Respirei aliviado e pensei:

— Quero é voltar para meu trabalho! Quero voltar para minha colônia!

Deixei Araújo e fui até a ala feminina, a situação era difícil, me aproximei de uma das recém-desencarnadas e perguntei:

— Bom dia! Como a senhora se sente?

Antes que ela respondesse notei que os lençóis estavam molhados de urina, precisava trocar, mas como faria para removê-la sem que ela visse o estado em que o seu corpo estava?

— Sinto que estou molhada, o senhor pode me ajudar?

— Sim, vou ajudá-la, qual seu nome?

— Meu nome é Cilene Augusta da Costa Almeida e Silva.

— Nossa senhora! Só Cilene tá bom né filha, não precisa do nome completo! A situação é a seguinte, a senhora está molhada de urina, preciso trocar seus lençóis, vou lhe dar um remédio para que consiga dormir, vamos trocar as roupas de cama e quando acordar estará melhor.

— Que remédio o senhor vai me dar?

— Esse daqui, beba, está misturado na água, vai ajudar!

Enquanto ela bebia a água fluidificada lhe apliquei os passes, ela logo adormeceu, desmaterializei os lençóis e materializei outros limpos, com a energia do passe seu corpo ficou limpo e seco, a acomodei novamente no leito e fui atender outra senhora que gritava de dor. Aproximei-me perguntando:

— A senhora está com dores?

— Demais, principalmente nas pontas dos pés e das mãos!

Levantei a ponta do lençol e notei que as extremidades estavam totalmente queimadas, tentando esconder a agonia que aquela cena me causava, olhei para mulher e perguntei:

— A senhora sente seus dedos?

— Um pouco!

— É, realmente, sua situação não é muito agradável! A coisa tá feia, mas aos poucos os dedos vão voltando!

— Os dedos vão voltando? O senhor quer dizer que perdi meus dedos?

Novamente eu havia falado o que não devia, parecia minha sina não conseguir encontrar as palavras corretas para falar com aquelas pessoas, sem perder tempo peguei um copo com água e ofereci:

— Oxê! Claro que não perdeu os dedos! Tome aqui, beba essa água que vai passar! Beba, beba!

Dei a água e fui aplicando passes, logo ela adormeceu, preferia colocá-los para dormir para evitar as perguntas.

Quando ia atender outro irmão o senhor Araújo me chamou, mal acreditei que já tivesse acordado, respirei fundo e me aproximei:

— O senhor já acordou?

Gaguejando ele disse que acordou se sentindo muito melhor, e pediu para que eu levantasse o lençol, pois queria ver como estava o corpo.

Logo percebi que Araújo daria trabalho, pois além da gagueira que dificultava a comunicação ele insistia em ver o estado do corpo que estava completamente queimado, não podia permitir, pois a cena seria chocante, o homem parecia-se mais com um pedaço de carvão do que com um ser vivo.

Os dias se passavam e o caso Araújo tornou-se uma novela, ele me chamava e pedia para ver o corpo e eu aplicava passes e fugia, ele acordava e logo me chamava, fazia várias perguntas que eu mal conseguia entender e no final insistia para ver o corpo, eu aplicava passes e ele dormia.

Em um de seus chamados, eu já estava exausto, tentei buscar o resto da pouca paciência que eu tinha, e expliquei mais uma vez:

— Escute Araújo, o senhor sabe que não pode olhar! Passou por um incêndio onde seu corpo ficou em chamas e está completamente queimado! É melhor que não veja!

— Ma-ma-mas eu te-te-tenho o direito de-de-de ver!

Naquele momento perdi a paciência:

— Está certo! É seu direito, quem sou eu para contrariar? Não sou juiz para julgar! Quer olhar? Então olhe!

Levantei o lençol expondo os ferimentos. Ele olhou assustado e perguntou:

— O que é isso?

— Isso aqui é seu corpo!

— Isso te-te-te-teeeem co-co-coooonserto?

— Tem conserto sim, aqui a medicina é muito avançada, logo o senhor estará bonzinho!

Cobri o corpo, e Araújo continuou com as perguntas, quis saber se estavam aplicando pomadas, porque sempre o colocava para dormir, que medicamentos ele estava tomando. Cansado das intermináveis perguntas que eu já não sabia como responder, fui obrigado a mentir.

— Senhor Araújo, aos poucos a dor vai passar, nós colocamos morfina nessa água, isso ajuda o senhor a dormir e se recuperar mais rápido, enquanto dorme aplicamos pomadas e fazemos todos os tipos de tratamentos.

A visão do corpo carbonizado lhe deixou impressionado, e ele começou a reclamar e blasfemar, parecia um disco arranhado que quase me enlouquecia. Olhando para o homem que não se calava perdi a paciência e falei em tom áspero:

— Pelo amor de Deus! Tenha fé! Pare de reclamar e faça uma oração! Não adianta olhar o corpo carbonizado e blasfemar! Tente rezar para que esse corpo podre se cure mais rápido!

— Não pre-pre-precisa dizer que me-me-meu corpo tá-tá-ta podre!

— É verdade! Não deveria falar dessa maneira, mas o senhor está me tirando do sério! Agora me de licença que tenho outras pessoas para atender! O senhor não é o único que precisa de ajuda!

Infelizmente perdi a paciência, o homem com aquela gagueira não parava de fazer perguntas, eu não podia contar que estava morto, e não aguentava mais fugir da situação. Comparando com o tempo da Terra, fazia aproximadamente sessenta dias que eu estava trabalhando direto sem visitar minha colônia, isso me deixava ainda mais impaciente.

Passaram-se mais alguns dias, as vítimas do incêndio continuavam se recuperando, foi quando os irmãos de Santa Gertrudes foram me buscar. João da Mata veio ao meu encontro e explicou:

— José, precisamos de ajuda, houve um acidente na crosta e morreu um bocado de gente!

Aquele convite era o que eu precisava para voltar para minha colônia, e não pensei duas vezes:

— É pra já! Não aguento mais trabalhar no hospital! Te digo de coração, por mais que tente, não sei lidar com essas pessoas! Tento falar as coisas certas, mas não tenho a paciência que o trabalho exige!

— É Zé, trabalhar no hospital não é fácil, mas o trabalho de resgate é ainda mais difícil, também precisa de paciência!

— Eu concordo, mas é diferente! Aquelas pessoas não fazem tantas perguntas! Vou ajudar vocês nesse trabalho e depois vou para tal escolinha que Jorge me falou.

— É o melhor que você faz, vai aprender muitas coisas que te ajudarão nos trabalhos.

Acompanhei João da Mata até Santa Gertrudes e logo seguimos para o trabalho de resgate, terminada a tarefa conversei com Messias e Maria Luzia, expliquei que precisava estudar, passaria um tempo na escolinha, mas estaria sempre retornando para visitá-los.

A compreensão dos amigos e apoio de Maria Luzia foram o incentivo que eu precisava. Pouco tempo depois parti para esfera mais elevada onde se localizava a Escolinha De Jesus. Assim que cheguei fui recebido pelos mestres responsáveis pelo lugar, conheci alguns colegas que fariam os estudos comigo, ficaríamos na escolinha até completarmos os aprendizados básicos que se dividiam em sete níveis, durante esse tempo podíamos visitar amigos, parentes voltar a nossas colônias, mas sempre com o compromisso de retornar e terminar os estudos.

A Escolinha de Jesus era muito parecida com as escolas da terra, os instrutores eram padres, missionários, religiosos em graus de evolução mais elevado, mas que também tiveram suas vivências na terra em épocas remotas, os frequentadores em sua maioria ainda traziam as crenças católicas, o objetivo principal dos ensinamentos era preparar esses espíritos para sua próxima reencarnação, dando-lhes os ensinamentos básicos para o tempo que permaneceriam na espiritualidade, e também ensiná-los sobre os porquês das sucessivas reencarnações, as leis de causa e efeito durante a evolução do espírito.

Ao contrário da maioria dos irmãos que frequentavam a escolinha, eu não estava me preparando para reencarnar, mas sim para compreender melhor como desempenhar um bom trabalho no plano espiritual.

No primeiro nível os ensinamentos explicavam por que morremos, onde estávamos, para onde iríamos.

No segundo nível era ensinado a rotina no plano espiritual, a necessidade de alimentação, descanso, higiene, explicava-se porque muitos ainda sentiam necessidades de ir ao banheiro, tomar banho, era necessário ensinar desde o básico, pois muitos não compreendiam como ainda sentiam fome, sede, e todas as necessidades do corpo físico, nesse nível também aprendíamos sobre as vestimentas, relacionamentos, sexo entre os espíritos, e o que era permitido dentro de nosso livre arbítrio na espiritualidade.

No terceiro nível aprendíamos como abandonar certos hábitos que tínhamos quando encarnados, como plasmar nossas roupas, utilizar energias desconhecidas aos encarnados para plasmar objetos, também aprendíamos os primeiros passos para volitação.

No quarto nível o tema se aprofundava um pouco, era ensinado como se deslocar entre planos por meio da gravidade, muitos espíritos se deslocam entre faixas vibratórias pelo desejo do pensamento, mas nós como iniciantes ainda não tínhamos esse ensinamento, aprendíamos até onde poderíamos nos deslocar, pois isso dependia de nossas vibrações.

No quinto nível era ensinado o real sentido de amar ao próximo como a ti mesmo, o amor divino, esse nível foi muito importante em

meu trabalho, aprendi a ser mais cordial, menos áspero e bruto com meus irmãos recém chegados, falava-se muito sobre os trabalhos de resgate, a abordagem amorosa para com os sofredores, e a importância da humildade e abandono do orgulho, aprendíamos que éramos irmãos, todos iguais, que não existia títulos ou rótulos que nos diferenciassem.

No sexto nível recebemos lições básicas sobre física quântica e como aplicá-la no plano astral, o desenvolvimento mediúnico em cada plano de existência, como e quando fazer a leitura de pensamentos, e aprimoração dos sentidos espirituais.

O sétimo e último era o nível da sabedoria, onde aprendíamos a colocar em prática tudo que nos foi ensinado, sempre com o objetivo de auxiliar o próximo.

Terminado os estudos os espíritos estavam preparados para seguir suas vidas no plano espiritual, enquanto aguardam oportunidade para reencarnar alguns continuavam os estudos, outros escolhiam trabalhos de auxílio ao próximo, todos procuram uma ocupação.

Quando terminei os estudos na Escolinha de Jesus, inicialmente pensei em seguir para os treinamentos avançados, um tipo de faculdade, no entanto era necessário ter uma quantidade mínima de horas de trabalho para iniciar esse nível de estudos, e eu, havia algum tempo que acumulava minhas horas com a intenção de construir uma casa para meus filhos que em breve deixariam a terra. Todos os trabalhos realizados no plano espiritual geram bônus que podem ser usados para estudar, viajar para outras colônias, visitar amigos, construir nossas casas, e como eu pretendia acumular meus bônus, resolvi voltar para Colônia de Santa Gertrudes e continuar meus trabalhos.

CAPÍTULO IX
Lida de Boiadeiro

Por volta dos anos oitenta eu continuava com meus trabalhos, alternava entre a colônia de Santa Maria auxiliando na ala do hospital e Santa Gertrudes ajudando nos resgates.

Envolvido com os trabalhos no plano espiritual me desliguei completamente da minha família na Terra, fazia um longo tempo que não tinha notícias, na condição de espírito em estado de melhoria, me recomendavam que não ficasse voltando na casa para ver os filhos ou esposa, pois eles estavam amparados pela espiritualidade, e eu sempre correria o risco de me perturbar com a situação em que eles viviam e ser novamente atraído para o baixo umbral.

No entanto, certo dia, dois cavalheiros chegaram na colônia de Santa Gertrudes e pediram para me chamar, eram mentor e guardião de Francisca. Assim que me aproximei, um dos distintos homens me cumprimentou:

— José, você não me conhece, sou Antero, mentor de Francisca, esse é meu amigo Trajano, guardião da sua esposa, somos os protetores dela.

Tirei meu chapéu, cocei minha cabeça e disse:

— Se vocês são os protetores de Francisca então estão aqui pra falar alguma coisa dela. Não adianta me falar que fui um marido ruim, porque isso eu já sei! Não é novidade pra mim! Mas hoje sou um homem direito, só penso em fazer caridade, depois que fui resgatado não parei de trabalhar!

— Sabemos da sua história, não viemos aqui para cobrar, precisamos de ajuda. Assim como vocês nessa colônia, nós também trabalhamos em equipe. Estamos tentando resgatar Francisca, mas não conseguimos nos aproximar porque ela não acredita que morreu. Ela despertou bem depois do enterro, não viu o corpo no caixão, não teve o desligamento no momento do desencarne pois estava envolvida por energias densas e cercada por espíritos inferiores, tentamos ajudá-la de

várias maneiras, mas as energia dela não permitiram interferência eficiente da nossa parte, sendo assim, optamos por deixá-la até que despertasse sozinha, agora ela fica na casa onde vivia com a filha, e acreditamos que está pronta para ser resgatada.

— Cavalheiros, vamos direto ao assunto, no que posso ajudar? O que vocês querem de mim?

— Queremos que nos acompanhe, Francisca lembra que o senhor está desencarnado, acreditamos que ao revê-lo ela compreenderá que está na mesma situação.

Os guias espirituais me esclareceram, Francisca vivia com Aninha, nossa filha mais nova, a casa não era a mesma, na década de sessenta ela saiu da fazenda e se mudou para cidade, uma casa muito humilde que recebeu de herança de alguns parentes, todas as terras da fazenda se perderam no decorrer dos anos e a única coisa que tinham era aquela moradia.

Em respeito a Francisca e seus guias, aceitei participar do resgate e seguimos para a casa onde ela estava.

Quando chegamos percebi que Aninha estava sentada na sala, parecia cansada, não podia ver a mãe ao seu lado e também não percebeu nossa presença, continuou alheia a tudo que acontecia a sua volta.

Para chamar a atenção de Francisca entramos lentamente atravessando a parede, nossa intenção era que o impacto da visão fizesse ela entender que estava morta.

Percebi que Francisca estava idosa, desencarnou com quase oitenta anos, apesar da idade avançada manteve a lucidez, e contávamos com isso para conscientizá-la.

Ao perceber que entramos na casa atravessando as paredes, ela ficou paralisada olhando. Aproximei-me e perguntei:

— Você se lembra de mim? Lembra quem eu fui?

— Mas é você Zé? Você morreu, virou fantasma!

— É Francisca, sou fantasma! Mas vou falar uma coisa, agora você também é fantasma! Na verdade, não somos fantasmas, mas se prefere chamar assim, então que seja, não adianta explicar agora, pois

não vai entender. Quero que preste atenção, tem coisas minha filha que precisam acontecer, que são ordens da vida, e a morte é uma delas. O que você ainda está fazendo aqui? Por que não foi com esses irmãos quando vieram te buscar? Você sabe que morreu Francisca?

— Não acredito que morri! Deveria estar dormindo, esperando o juízo final.

Olhei para seu mentor e mentalmente ele me esclareceu:

— Ela agora é evangélica, acredita naquilo que sua religião propaga, está aguardando o juízo final, por isso não se liberta do corpo, por isso te trouxemos, pois olhando para você que já morreu ela vai entender!

Francisca sabia que eu estava morto, mas achava que eu era fantasma, olhei para ela e continuei:

— Francisca, sei que você mudou de religião, mas nem tudo é como te ensinaram! É assim minha filha, seu corpo morreu, agora você é espírito, não pode mais ficar aqui! Tem que entender que tu não faz mais parte desse mundo!

— Mas Zé, e nossa filha? O que vai ser de Nininha?

— Nininha tem a vida dela aqui na terra, tem que continuar aqui! Francisca, nossa filha até hoje está solteira, não conseguiu arrumar um companheiro porque passou a vida inteira cuidando de você, não é mesmo? Ela vai ficar velha e sozinha! Está na hora dela cuidar da própria vida, se você ficar aqui ela vai continuar sofrendo, ela não consegue te enxergar, mas sente sua presença! É por isso que esse sofrimento não acaba, ela sofre e chora por você e você sofre e chora por ela! Você quer que ela fique sofrendo? Deixe Nininha em paz e venha comigo! Essa casa é modesta, mas ela viverá bem, quem sabe consiga um marido e seja feliz!

Francisca colocou as mãos no rosto cadavérico e chorou. Estendi a mão para ela e afirmei:

— Vamos embora, agora chega! Os cavalheiros aqui vão te acompanhar!

— Mas Zé, e o juízo final?

— Antes do juízo final você tem que se preparar! Vamos embora e você receberá as explicações para o armagedon e tudo que sua religião prega! Francisca, o importante é que você acredita em Jesus, não é mesmo?

— Sim, sigo Jesus!

— Ótimo, então vamos aumentar essa fé! Peça perdão por tudo que você acha que fez de errado nessa vida!

— Tá bom Zé, Deus foi muito bom comigo, me deu os últimos anos de vida boa, não tenho nada que reclamar não! Peço perdão pelas coisas erradas que fiz, pois sei que nem sempre fui uma boa pessoa.

— Não tem nada de errado Francisca, o importante é que seu coração esteja cheio do Amor de Deus, isso está bom, você já pediu perdão e sabe que agora vai ter uma vida melhor! Todos nós passaremos pelo dia do julgamento! Você não é a única, eu também tive meu "juízo final"!

Ela não entendeu, achou que eu estava falando sobre o fim do mundo. Percebendo que ela estava pronta a abracei, os guias nos envolveram em luz e nos transportaram direto para uma zona um pouco mais elevada. Quando chegamos ela havia adormecido com os passes que recebeu, foi levada para as alas de recuperação do hospital onde ficou em repouso.

Terminada a tarefa olhei para os instrutores da casa, para o mentor e guardião de Francisca e pedi:

— Cuidem da minha velha, tratem bem dela, preciso ir embora, pois tenho muito trabalho a fazer, voltarei para ver como ela está.

Voltei para colônia de Santa Gertrudes, estava feliz por deixar Francisca em um bom lugar, mas eu tinha minha companheira, eu e Maria Luzia, havíamos começado uma nova caminhada, tínhamos afinidade e laços de outras existências, vivíamos bem e felizes, não pretendia me afastar dela.

Algum tempo depois fiz nova visita a Francisca, logo percebi que ela não aceitava a nova situação, e para dificultar ainda mais, ela acreditava que deveríamos ficar juntos novamente, que era uma obrigação retomarmos os laços matrimoniais comuns na Terra. Todos

tentavam explicar que no plano espiritual não existem as conveniências, contratos e obrigações sociais criadas na Terra, mas ela insistia, queria viver como se ainda estivéssemos casados.

Durante muito tempo Francisca recusou-se a aceitar que estava desencarnada, se revoltava e voltava para junto de Aninha, com isso se envolvia em profundos transtornos e desequilíbrios que a levavam para zonas baixas onde ficava até ser resgatada pelo guardião e levada novamente para as câmaras de recuperação. Francisca ficou assim por um longo período até aceitar a nova realidade.

Para evitar perturbações eu fazia visitas esporádicas, mas sempre mantinha contato com os responsáveis pela colônia em que ela vivia. Com o tempo ela passou a realizar pequenas tarefas, começou a aceitar e se habituar a nova vida, envolvida com os trabalhos se conformou e se apegou a ideia de aguardar os filhos.

Em meados dos anos oitenta, uma das capitais do Brasil passava por um período de intensa violência, todos os dias várias pessoas desencarnavam e seguiam para uma região do umbral que passou a receber grande quantidade de espíritos que precisavam ser resgatados e remanejados.

Não demorou muito para que Messias organizasse uma reunião com a intenção de organizar comboios que seguiriam para o resgate onde esses recém-desencarnados estavam se aglomerando.

Após o planejamento nos separamos em pequenos grupos, eu, João da Mata e Jorge Cavalinho sempre trabalhávamos juntos, nos reunimos ao comboio e seguimos a cavalo até a região onde realizaríamos o trabalho.

Pouco tempo depois chegamos a uma região umbralina situada sobre um morro onde acontecia uma verdadeira guerra.

Sobre o local se formou uma faixa vibratória onde vários sofredores ficavam presos, para manter a situação sobre controle, vários agrupamentos de espíritos da luz se instalaram para prestar socorro constante, era uma equipe grande, alguns atuavam diretamente na crosta, enquanto outros trabalhavam na faixa vibratória localizada sobre o morro. A situação conturbada, de extrema violência tornou-se tão grave

que os trabalhadores foram obrigados e pedir ajuda de outras colônias, e nós éramos uma das equipes que chegava para aumentar o agrupamento. Assim que fomos inteirados das condições de trabalho, nos reunimos a outro grupo de boiadeiros, formamos uma caravana e seguimos auxiliando os desencarnados no lugar.

A situação era crítica, muitas pessoas morriam assassinadas, vítimas de balas perdidas durante tiroteios, eram mulheres, adolescentes, idosos e até crianças.

Os criminosos ao desencarnar eram instantaneamente atraídos para as faixas umbralinas de baixa vibração onde logo se uniam as falanges de espíritos trevosos, nosso trabalho era ajudar as pessoas de bem, inocentes no meio do caos, essas ao desencarnar de forma repentina ficavam presas na crosta, entravam em pânico pedindo ajuda de Deus, aos poucos se agrupavam e ficavam esperando por alguém que lhes explicasse onde estavam e o que estava acontecendo.

Eram pequenos grupos espalhados por vários lugares daquela faixa vibratória, os guardiões mapeavam o lugar e nos passavam as coordenadas, assim seguíamos diretamente para onde estava o grupo que seria recolhido.

Com a violência exacerbada o número de mortes cresceu muito rápido, e vários espíritos se agrupavam, em pouco tempo, de forma inconsciente aquelas pessoas formaram uma agrégora que se parecia com o morro, via-se ruas, casas, pequenos cortiços, um lugar sombrio onde famílias inteiras se refugiavam, pessoas desequilibradas e desnorteadas que nem sabiam que estavam desencarnadas, sofredores que viviam em uma mesma vibração de medo, terror e violência, sendo assim, ao desencarnar eram atraídas para o mesmo lugar.

Apesar da semelhança com o morro na terra, a visão daquele lugar era ainda mais deplorável, as pequenas vielas eram cobertas por lama, e dejetos, pairava na atmosfera um cheiro nauseabundo, por todos os cantos via-se espíritos revoltados, alguns caídos com o rosto no chão se afogando na sujeira lamacenta, alguns permaneciam acuados nos cantos ou dentro das casas sombrias, por todos os lados ecoavam súplicas por ajuda, algumas eram jovens mães que foram vítimas de balas

perdidas enquanto tentavam fugir com seus bebês nos braços, nessas situações a criança desencarnada era detectada e recolhida instantaneamente por uma equipe especial, em seguida enviavam o socorro para a mãe.

Nossa tarefa era resgatá-los, para isso nos aproximávamos, explicávamos que éramos de uma colônia espiritual que queríamos ajudar, muitos caíam em prantos agradecendo a Deus pelo amparo, e nós os envolvíamos em luz e levávamos para outros lugares.

Vários espíritos recusavam a ajuda, não queriam ser removidos, pois ao desencarnar de modo repentino deixaram os familiares queridos desamparados, sofriam muito pela falta dos que amavam, alguns gritavam em completo desespero chamando pelo pai, mãe, esposa, mulheres que não queriam deixar os filhos pequenos, era difícil convencê-los a partir.

Ficamos nesse agrupamento por um longo período, até que a ordem na crosta foi restabelecida e a violência foi contida, com o tempo o número de mortes caiu e fomos dispensados.

No entanto, o trabalho não tem fim, as zonas umbralinas sempre estão repletas de sofredores, são os desencarnados que necessitam de resgate e os encarnados que precisam de amparo. O plano espiritual está em constante atuação, e nosso agrupamento era especialista em trabalhos com vítimas de morte coletiva, éramos enviados para locais onde várias pessoas desencarnavam juntas por diversos motivos.

Em meados da década de noventa fomos chamados para ajudar um grupo de trabalhadores que enfrentava dificuldades para amparar encarnados que viviam um período de conturbação no plano terrestre.

Dessa vez a violência acontecia em uma região do Brasil onde iniciava-se uma verdadeira disputa por terras.

Durante a invasão de uma grande propriedade, várias pessoas entraram na disputa gerando um túmulo onde muitos perderam suas vidas.

Alguns desses desencarnados revoltaram-se, e vendo-se como vítimas formaram um pequeno grupo e permaneceram na crosta em

busca de vingança, passaram a influenciar os encarnados envolvidos na situação, o que gerava ainda mais disputa, violência e mortes, em verdade esse grupo desencarnou seguindo as leis do carma coletivo, pois repetiam as mesmas ocorrências de vidas anteriores, um ciclo do qual não conseguiam se libertar.

Ao chegar ao local tentamos elucidá-los, nossa tarefa era ajudá-los a compreender as causas daquele massacre, para que assim abandonassem a ideia de vingança e seguissem nova caminhada.

Reunimos o grupo de espíritos revoltados e explicamos que na época da colonização do Brasil eles já participavam desse mesmo tipo de disputa, alguns foram rufiões, ladrões de gado, outros foram Bandeirantes que massacraram e escravizaram vários indígenas, invadiram e tomaram as terras que pertenciam aos nativos, deixando para trás um rastro de mortes e tristezas. Desde então reencarnavam para tentar retificar seus erros, mas repetiam a mesma conduta, sempre se envolviam com lutas pela reforma agrária, invasão de propriedades, disputas por terras. Eram pessoas que viviam ciclo atrás de ciclo para aprenderem que não se deve tomar o que não lhes pertence.

Alguns defendiam-se alegando que reencarnaram em famílias pobres, sem condições e por isso tentavam conquistar um pedaço de terra.

Em contrapartida explicávamos que todos reencarnaram em situações propícias para que vencessem as tendências que traziam a muitas existências, nasceram em famílias pobres para que aprendessem a trabalhar e conquistar seus bens com o suor do trabalho, no entanto, mais uma vez reincidiam no erro de outras vidas, tentaram realizar seus ensejos por meios ilícitos e escusos, e assim acabaram perdendo a oportunidade de anular seus carmas e ter uma próxima reencarnação com condições de vida mais fácil e sem tantas dificuldades.

Depois de muito diálogo e explicações conseguimos convencer o grupo a seguir para uma colônia onde começariam uma nova jornada, muitos aceitaram partir porque sabiam que recusando-se, cedo ou tarde seriam removidos por guardiões.

No processo evolutivo, é muito comum que espíritos de conquistadores de terra encontrem dificuldades em aceitar a situação em que reencarnam, geralmente cercados por dificuldades.

Acostumados a conseguir o que querem por meio da conquista, muitos se recusam a trabalhar como empregados, não sabem aceitar ordens, se revoltam com o trabalho em lavouras onde precisam se submeter a lida pesada e desgastantes. São pessoas que trazem fortes ambições, sonham em ter muitas terras, ser dono de grandes propriedades. Sentem muita dificuldade em aceitar e agradecer a oportunidade retificadora que pode ajudá-los a reparar o mal feito em outras vidas. Dessa maneira sucumbem, muitos se entregam a mesma ambição por terras, se envolvem em disputas que acabam por lhes tirar a vida e a oportunidade, fazendo com que voltem a reencarnar nas mesmas condições de dificuldades.

Após encaminhá-los, voltamos para nossa colônia, outros grupos espirituais permaneceram no lugar, se acercavam dos encarnados tentando envolvê-los em boas vibrações, a intenção era ajudá-los a superar seus carmas.

Muitos encarnados se perguntam por que acontecem tragédias onde várias pessoas desencarnam de uma única vez, esses se esquecem que todos estão submetidos a lei do carma, essas mesmas leis regem acontecimentos que levam as pessoas certas para os lugares e horas certas.

Grupos de pessoas que reencarnam com afinidades vibratórias de outras existências, no decorrer da vida se atraem, muitas dessas trazem carmas semelhantes, praticaram os mesmos crimes, caíram nos mesmos erros, tinham o mesmo gosto por prazeres escusos, e antes de reencarnar aceitaram passar por determinada situação como oportunidade de resgatar seus erros. Sendo espíritos afins, detentores de carmas semelhantes, acabam por se atrair pela afinidade vibracional. Pode-se dizer que todas as tragédias em que uma grande quantidade de pessoas desencarnam ao mesmo tempo, são mortes coletivas, onde se faz valer uma lei de causa e efeito, e esses espíritos antes de reencarnar aceitaram viver a experiência. A necessidade de corrigir equívocos de

outras existências, a conduta e escolhas da vida atual, aliadas a lei da atração, faz com que essas pessoas estejam juntas no lugar certo, e momento exato em que acontecem certas tragédias.

As mortes coletivas sempre aconteceram na caminhada da humanidade, o que muda com o passar dos séculos é a maneira como acontecem.

No início do século XXI aconteceram muitas catástrofes aéreas, ocorrências onde muitas pessoas desencarnaram juntas.

Nesse tipo de desencarne coletivo, inconscientemente as pessoas que se reúnem dentro de um avião mantem o mesmo tipo de pensamento, compartilham mentalmente da mesma ideia de que estão voando, no momento de turbulência, quando são tomadas pelo susto seguido de medo, todas, ao mesmo tempo começam a pensar que o avião pode cair, quando inicia-se a queda que antecipa o acidente todas pensam e imaginam que vão morrer, e assim os pensamentos e sentimentos liberam uma energia que forma uma agrégora que retém esses espíritos, os corpos físicos morrem, mas os espíritos se mantem dentro desse campo de energia, alguns conseguem ver os destroços e inclusive os corpos, a cena impactante faz com que suas vibrações caiam e assim são instantaneamente atraídos para zonas do umbral onde mais tarde serão resgatados de acordo com seu merecimento. Alguns começam a orar e logo são recolhidos, existem os que permanecem no local do acidente acreditando que sobreviveram a queda, aguardando um resgate que nunca chega, em estado de perturbação não conseguem perceber os espíritos que estão fazendo o resgate. Ainda existem aqueles que criam suas próprias agrégoras onde ficam revivendo situações corriqueiras da Terra e acreditam ainda estar vivos ou sonhando. Todos são resgatados no momento certo, que varia de acordo com a vibração, merecimento e consciência do espírito.

Os casos onde há um ou mais sobreviventes pode-se dizer, que assim aconteceu porque não era o momento do desencarne, a conduta, escolhas, e decisões que os encarnados seguem durante a vida também são fatores que influenciam e determinam o decorrer dessas provas. Muitas pessoas ignoram avisos, pressentimentos, ou simplesmente

precisavam viver a experiência, enquanto outras são poupadas. E nós no plano espiritual estamos sempre a postos, preparados para estender a mão a aqueles que necessitam.

Esse processo de criação mental é o mesmo que edifica várias regiões do umbral, e formam agrégoras espalhadas por toda a crosta. Por meio da emissão de pensamento e sentimentos de várias pessoas que se encontram em uma mesma vibração, sejam encarnadas ou desencarnadas, acontece a dispersão de energias e ideias que se misturam e condensam criando um campo vibracional que não é captado pelos sentidos dos encarnados, mas é habitado por inúmeros espíritos. Os pensamentos podem formar agrégoras de energias positivas, que atraem espíritos compatíveis com essas vibrações positivas, irmãos da luz que trazem amor, ou formam-se agrégoras de energias negativas que atraem espíritos condizentes a essa energia, geralmente desequilibrados, viciados, doentes e trevosos.

Passavam-se os anos e eu continuava trabalhando, nós, espíritos que vivem na erraticidade não contamos o tempo com relógio, ajudamos sem parar, sem pedir ou esperar nada em troca, não podemos evoluir por meio das provas, pois já não estamos na matéria, então buscamos nossa evolução através do trabalho constante.

Nossa alegria já não está mais ligada às paixões terrenas, vincula-se a vitória dos irmãos que continuam sua caminhada na terra, nos alegramos ao vê-los galgando os caminhos da evolução, buscando aprendizado e melhoria assim como nós.

CAPÍTULO X
Eternos Trabalhadores

Na colônia de Santa Gertrudes, temos tudo que necessitamos para ter uma vida que nos traga felicidade, paz e harmonia, tudo é plasmado de maneira que se pareça com os ranchos ou fazendas que existem na terra, estábulos para nossos cavalos, a casa onde descansamos, nos alimentamos e convivemos em harmonia, tudo é cercado por uma grande fortificação que nos protege de ataques e também do clima externo que não é agradável, dentro da fortificação a temperatura é amena, fora é extremante fria, cercada por charcos cobertos por nevoeiros, contamos com a ajuda de guardiões que fazem a proteção da colônia, no entanto por vezes acontecem investidas onde somos atacados por falanges de espíritos inferiores.

Por volta de 2008 fomos chamados para realizar o resgate de um grupo de espíritos que se encontrava aprisionado e escravizado em uma fortaleza das forças trevosas, alguns desses irmãos estavam presos a mais de um século, em vida cometeram graves crimes e logo após o desencarne foram capturados, escravizados e usados para realizar trabalhos na crosta com o objetivo de prejudicar encarnados, seus superiores escolhiam as vítimas que geralmente eram pessoas influentes na sociedade, e ordenavam que seus escravos se mantivessem junto, influenciando mentalmente para que se atirassem em conflitos, motins, traições, ocasionando todos os tipos de problemas. Deixar esses irmãos nas mãos desses escravizadores era o mesmo que permitir que o exército da escuridão ganhasse força e território.

Para realizar o trabalho precisávamos de ajuda, localizado em uma zona umbralina densa, o local era conhecido pelos constantes conflitos entre facções inimigas comandadas por espíritos antigos desprovidos de qualquer tipo de sentimento superior.

A realização do trabalho só seria possível com a ajuda dos guardiões, espíritos treinados e especializados nesse tipo de investida. Eles nos guiariam dando proteção, fariam a invasão da fortaleza e

travariam o combate contra os trevosos que certamente revidariam. Nosso trabalho de resgate dependeria do sucesso desses irmãos que nunca perderam uma batalha contra o mal.

Após minucioso planejamento, saímos em caravana, na linha de frente uma falange de aproximadamente cinco mil espíritos comandados pelos guardiões, espíritos da luz que entravam em batalha conscientes de que lutavam para proteger a humanidade, seguiam ordens superiores vindas dos comandos de Ogum. Aqueles homens movimentavam-se com impressionante ordem e disciplina, suas roupas denunciavam que eram de épocas muito antigas, carregavam nas mãos as armas que usavam em vida na terra, mas que no plano espiritual serviam para cortar energias negativas, ou paralisar aqueles que tentassem uma investida.

Pouco tempo depois nos aproximamos do lugar, de longe conseguimos avistar a grande fortaleza com muros de aproximadamente três metros de altura protegidos por lanças pontiagudas, vista de fora a construção lembrava um cemitério antigo.

Sabíamos que dentro daquele forte teria um espírito trevoso no comando, provavelmente protegido e tratado como um rei, temido por todos seus subordinados, exímio conhecedor das técnicas de manipulação de energia e mentes, deveria ser combatido o quanto antes, pois uma vez rendido seus subalternos fugiriam ou se entregariam.

Os guardiões se organizaram em grupos e começaram a invasão, nosso agrupamento de boiadeiros apenas observava, não era nosso campo de atuação, tentar ajudar certamente dificultaria ainda mais o trabalho de nossos irmãos. O primeiro agrupamento de guardiões conseguiu invadir a fortaleza, e logo o segundo agrupamento entrou na batalha.

Eu não conseguia esconder a triste impressão que aquela batalha me causava, a cena era lamentável, vários espíritos desequilibrados e atormentados, com facas, foices, facões e todos os tipos de armas brancas atacavam os guardiões com intenção de matá-los.

Os guardiões se defendiam e atiravam descargas elétricas que paralisavam instantaneamente, quando o terceiro agrupamento de guardiões entrou na batalha, renderam o chefe supremo da fortaleza e a

maioria dos rebeldes precipitaram-se em uma fuga desesperadora. Alguns espíritos mais revoltados ainda tentavam atacar e defender o território, mas como sempre, era uma luta perdida, os guardiões quando se preparam para essas invasões sabem exatamente quantos espíritos tem no local, estrategicamente enviam espiões que informam o lugar exato em que o chefe se esconde e como chegar até os prisioneiros e atacam com uma quantidade muito maior.

Informados de que o chefe estava preso, e que a maioria dos espíritos estavam contidos ou fugindo, iniciamos nossa parte do trabalho, entramos na fortaleza e seguimos para o local onde estavam as pessoas que fomos resgatar. Fiquei impressionado com o tamanho da estrutura, parecia uma cidade, casas amontoadas, pequenos prédios, ruas, tudo construído de maneira que transmitia um aspecto sombrio e bizarro. A atmosfera do lugar era pesada, causava tristeza e uma sensação de desamparo, olhando ao redor era compreensível que aquelas pessoas vivessem em estado de completo tormento.

O pequeno grupo que fomos resgatar encontrava-se acorrentado em uma masmorra, um lugar gelado, as paredes viscosas, o chão lamacento e coberto por dejetos, o cheiro que impregnava o ambiente era insuportável, entramos e saímos o mais rápido possível.

Terminado o resgate os guardiões derrubaram toda a cidade e nos ajudaram a levar os resgatados e também aqueles que haviam se rendido durante a batalha, o trabalho foi bom, conseguimos recuperar vários irmãos que ao perceberem o poder dos trabalhadores da luz se conscientizaram e se lembraram de Cristo.

Após encaminhar todos aqueles espíritos, nos despedimos dos guardiões e retornamos para colônia de Santa Gertrudes.

Sentados ao redor da mesa eu, Maria Luzia e Jorge, conversávamos sobre o sucesso do resgate. E não demorou muito para que os alarmes da colônia soassem, sabíamos que poderia acontecer um contra-ataque, mas nunca imaginamos que seria tão rápido.

Rapidamente nos organizamos, cada um se colocou em sua posição, subi em uma das torres de guarda e não acreditei quando avistei a falange de trevosos que vinha em nossa direção, era um agrupamento

muito grande, sedentos de vingança, urravam e espumavam como animais. Os fugitivos se reorganizaram e se juntaram a outras falanges, todos com a mesma intenção, acabar com a colônia de Santa Gertrudes, para eles era uma ofensa ter que aceitar uma colônia como aquela em seu território sombrio.

O guardião que ficava naquela torre me olhou, notando minha perplexidade falou:

— Fique calmo Zé, podem ser muitos, mas o mal nunca venceu o bem! Além dessa temos mais nove torres com aparelhos de descargas elétricas e guardiões treinados para esse tipo de ataque.

— Eu sei homem, mas dê uma olhada! Se fomos em cinco mil, eles vieram com mais de dez!

— Não se preocupe, tome sua posição, pois toda ajuda será bem-vinda!

Atendi ao comando do guardião e corri para a muralha, logo que a gigantesca horda se aproximou o suficiente, as torres lançaram descargas elétricas que apontadas para pontos estratégicos se espalhavam e paralisavam todos que eram atingidos. As descargas paralisavam incontáveis espíritos de uma vez, no entanto, eram muitos, percebendo que vários espíritos alucinados e animalizados se aproximavam das portas, todos os boiadeiros se reuniram, com seus laços e chicotes nas mãos e entraram na batalha.

Nosso agrupamento saiu, nos posicionamos em frente ao portão e juntos começamos a girar nossos laços, em pouco tempo formou-se um campo de energia positiva que lançamos contra os trevosos, vários caíram atordoados com a energia, outros recuaram porque sentiram dor, enquanto alguns recuavam outros formavam bandos e se atiravam aos berros em nossa direção, com muito esforço conseguíamos nos manter unidos e protegendo a porta, no entanto, aos poucos sentíamos o cansaço e o peso da energia densa do lado de fora da colônia. A luta parecia não ter fim, eram muitos espíritos, mas como nunca ficamos desamparados, e tínhamos muitos amigos que também foram amparados por nós, não demorou para que recebêssemos os reforços que precisávamos.

Nossa ajuda não veio em quantidade, veio pelas mãos de um único irmão, como um raio ele desceu em meio a escuridão, tudo a nossa volta se iluminou e vimos um ser de luz chegar em nosso auxílio, com o aspecto singelo de um ancião, aquela figura singular de cajado na mão não prenunciava o poder que guardava, jamais poderia imaginar que criatura tão frágil guardasse tamanho poder.

O espírito que chegava para nos auxiliar, tranquilamente se posicionou diante do portão, olhou para o bando de desordeiros, balançou a cabeça demonstrando piedade e levantou seu cajado para em seguida bater no chão, quando a ponta se chocou contra o solo dispersou uma energia que se espalhou clareando todo o lugar, era como se um raio tivesse iluminado a escuridão umbralina, a energia chamada de supernova derrubou toda a horda de espíritos de uma única vez, completamente atordoados se levantaram cambaleantes para fugir em disparada.

O irmão espiritual que foi a força decisiva naquela batalha apenas sorriu e entrou para saudar Messias.

Eu e meus companheiros nos recolhemos, olhei para João da Mata e Jorge Cavalinho e os amigos deram uma gargalhada, Jorge bateu a mão em meu ombro e perguntou:

— Ficou assustado Zé!

— Oxê! Mas é claro! Nunca presenciei nada assim! Já vi grupos tentarem atacar nossa colônia, mas nunca tantos!

— Esse tipo de ataque não é comum, mas já aconteceu antes.

— Não entendo, eles sabem que nunca conseguirão vencer uma batalha, nunca tiveram sucesso e apenas sofrem, não sei por que insistem!

— Pois é meu amigo, não conseguem vencer, mas conseguem causar estragos, e isso para eles é o suficiente, sabem que nunca conseguirão vencer a luz, mas o ódio que carregam em seus corações não permite que pensem com clareza. — Agora começam os trabalhos de reparo! Mãos a obra!

Passamos algum tempo trabalhando nos reparos da colônia, com a ajuda de espíritos especializados magnetizávamos tudo que

precisávamos para refazer o que foi danificado, em pouco tempo tudo estava como antes e retornamos para os resgates.

Durante os anos que trabalhei no plano espiritual consegui ajudar e resgatar muitos irmãos, sempre me empenhei ao máximo e com amor, a espiritualidade superior reconhecendo meu esforço e mudança me concedeu a permissão para continuar no plano espiritual, se fosse da minha vontade poderia me candidatar a nova reencarnação e continuar minha evolução no plano material, no entanto, como meu trabalho se tornou de grande ajuda, fui aconselhado a continuar na erraticidade, pois no plano espiritual conseguiria ajudar mais do que estando encarnado na crosta.

Sendo assim decidi continuar meu trabalho ao lado de João da Mata, Jorge Cavalinho e outros amigos, Maria Luzia continuava ao meu lado como uma boa companheira.

Em certa ocasião fomos designados para realizar resgates em terreiras de Umbanda, até aquele momento não conhecia os trabalhos realizados por essa corrente religiosa, em pouco tempo me impressionei com a quantidade de irmãos que eram resgatados durante os atendimentos.

Vendo no novo ofício a oportunidade de novos aprendizados, me dediquei ao máximo. Entre os trabalhos de resgate eu assistia e aprendia como eram feitos os atendimentos, as incorporações, o trabalho dos guardiões, caboclos, pretos velhos, conheci várias terreiras pelo Brasil.

Durante os trabalhos em uma dessas terreiras, notei entre os guardiões um rosto conhecido, era um amigo do plano espiritual que não via há algum tempo, feliz com o reencontro me aproximei e abracei o amigo, retribuindo o abraço ele perguntou:

— O que faz por aqui José?

— Eu estou com um pequeno grupo de boiadeiros, fomos enviados para o trabalho de resgate em algumas terreiras. E você meu amigo, agora trabalha por aqui?

— Sim, meu protegido é um dos trabalhadores da casa. — Faz tempo que seu grupo está nesse trabalho?

— Sim, tempo suficiente para aprender muitas coisas, é impressionante a riqueza de ensinamentos que essas terreiras proporcionam para encarnados e desencarnados!

— É verdade meu amigo, para aqueles que querem aprender, trabalhar e ajudar, aqui sempre encontram trabalho.

Continuamos nossa conversa e mais tarde nos despedimos, alguns dias depois voltamos à mesma terreira, e mais uma vez reencontrei o amigo, mas dessa vez foi ele quem veio ao meu encontro, sorrindo se aproximou, me apontou seu médium de trabalho e comentou:

— José, aquele é meu menino! Me responda uma coisa, como faz tempo que você está nessa andança pelas terreiras, já deve ter aprendido como fazer o trabalho com os médiuns! Estou certo?

— Sim, aprendi, durante os resgates sempre assistia o atendimento das entidades, as incorporações.

— Você não quer trabalhar com o rapaz? Será um aprendizado a mais para os dois!

— Isso não depende apenas de mim, ele também precisa aceitar.

— Não se preocupe, vamos ver como as coisas caminham.

Algum tempo depois comecei o trabalho com o médium, o irmão encarnado aceitou a parceria e iniciamos uma nova etapa em nossa caminhada evolutiva, e dessa maneira recebi o convite para relatar essa história.

Quando não trabalho na terreira estou nos trabalhos de resgate ou na colônia de Santa Gertrudes, onde encontrei verdadeiros amigos que hoje são minha família. Juntos crescemos, ganhamos luz e evoluímos, enquanto aguardamos o momento oportuno para uma nova reencarnação.

Toda e qualquer tarefa realizo com gratidão a Jesus Cristo, sempre me surpreendo e alegro com as infinitas oportunidades para nossa evolução.

Na erraticidade, sem um corpo material, nós não experimentamos as mesmas provas e dificuldades que os encarnados, portanto, para conquistarmos luz, é necessário muito trabalho, esforço e dedicação, vivemos na condição de eternos trabalhadores, então

seguimos em passos lentos, um trabalho de cada vez, sempre unidos pelo amor de Cristo que pode tudo, assim vamos galgando os degraus da infinita caminhada evolutiva.

José Boiadeiro.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm
Tipologia: Garamond/Century 10/11/14/16/26
1ª edição: 2019